

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO E NEGÓCIOS**

NÍVEL MESTRADO

CRISTIANO FRIEDRICH BOIKO

HOME OFFICE NA PRÁTICA:

**As práticas no trabalho profissional exercido em ambientes domésticos na
pandemia do COVID-19**

Porto Alegre

2021

CRISTIANO FRIEDRICH BOIKO

HOME OFFICE NA PRÁTICA:

**As práticas no trabalho profissional exercido em ambientes domésticos na
pandemia do COVID-19**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Gestão e Negócios, pelo Programa de Pós-Graduação em Gestão e Negócios da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Jacques Fonseca

Porto Alegre

2021

B678h Boiko, Cristiano Friedrich.

Home office na prática : as práticas no trabalho profissional exercido em ambientes domésticos na pandemia do COVID-19 / por Cristiano Friedrich Boiko. – 2021.

82 f.: il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) — Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Gestão e Negócios, Porto Alegre, RS, 2021.

“Orientador: Dr. Marcelo Jacques Fonseca”.

1. Trabalho. 2. Home office. 3. Teoria da prática. 4. Pandemia. 5. COVID-19. I. Título.

CDU: 65.015

AGRADECIMENTOS

A minha família, pela compreensão e pelo apoio durante todo este processo, que já se mostrava desafiador. Contudo, com a pandemia o cenário se transformou. Estávamos vivendo o tema do estudo, agentes e pacientes. Agradeço o esforço dedicado, possibilitando que este Mestrado fosse concretizado.

Ao meu orientador, Professor Dr. Marcelo Jacques Fonseca, pelo encorajamento e pela compreensão em momentos difíceis. Um sentimento de profunda gratidão pela ajuda recebida nesta caminhada e por ter acreditado no resultado deste projeto. As orientações francas propiciaram manter o rumo da jornada e as valiosas contribuições foram determinantes para o desenvolvimento desta dissertação.

Aos Professores Dr. Guilherme Trez e Dr. Filipe Campelo Xavier da Costa, pelas observações e pelo compartilhamento de conhecimento no período da apresentação do projeto desta dissertação. As relevantes contribuições permitiram que o estudo avançasse com maior embasamento.

A todos os entrevistados e aos envolvidos no procedimento de pesquisa. A disponibilidade e a vontade de contribuir estiveram sempre presentes.

RESUMO

As medidas adotadas em razão da pandemia do COVID-19 impactaram na vida cotidiana. Diversas áreas foram afetadas: saúde, educação, trabalho... Para conter a disseminação do vírus, encontros presenciais foram restringidos. De uma hora para outra, os ambientes domésticos passaram a concentrar as famílias e também as atividades que não eram exercidas nestes locais. Assim, para continuar trabalhando, o *home office* foi adotado de forma rápida e crescente. Mas o “quê” e “como” está se fazendo para trabalhar? Este estudo buscou compreender a prática do trabalho profissional nos ambientes domésticos desde a pandemia. Neste sentido, foi adotada uma abordagem fundamentada na Teoria da Prática, propiciando uma análise de todo um contexto, não se limitando a observação ao agente trabalhador. O indivíduo está constantemente conectando e desconectando elementos, formando um conjunto de práticas, composto por *fazer*, *coisas materiais* e *significados*. Este estudo qualitativo, empregou diversos procedimentos de coleta de dados inspirados na etnografia, envolvendo entrevistas autogeridas, observação utilizando áudio e vídeo e entrevistas com utilização de imagens. Por conseguinte, a análise do conteúdo revelou que as informações evidenciadas extrapolaram positivamente os limites esperados para uma entrevista, assemelhando-se a “casos estendidos” (*Extended Case Method*). A compreensão do trabalho em *home office* resultou na estruturação de duas dimensões, relacionando-se à: a) percepção do tempo e b) percepção do espaço.

Palavras-chave: trabalho; *home office*; Teoria da Prática; pandemia; COVID-19.

ABSTRACT

The measures taken as a result of the COVID-19 pandemic had an impact on everyday life. Several areas were affected: health, education, work... To contain the spread of the virus, face-to-face meetings were restricted. All of a sudden, domestic environments began to concentrate families and also activities that were not carried out in these places. So, to keep working, the home office was adopted in a fast and growing way. But what “what” and “how” are you doing to work? This study sought to understand the practice of professional work in domestic environments since the pandemic. In this sense, an approach based on the Practice Theory was adopted, providing an analysis of an entire context, not limiting the observation to the worker agent. The individual is constantly connecting and disconnecting elements, forming a set of practices, composed of doings, material things and meanings. This qualitative study employed several data collection procedures inspired by ethnography, involving self-directed interviews, observation using video and audio, and interviews using images. Therefore, the content analysis revealed that the evidenced information positively extrapolated the expected limits for an interview, resembling “extended cases” (Extended Case Method). The understanding of home office work resulted in the structuring of two dimensions, relating to: a) perception of time and b) perception of space.

Key-words: work; home office; Practice Theory; pandemic; COVID-19.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - A perda da concentração e do foco.....	38
Imagem 2 - As demandas dos filhos	39
Imagem 3 - A ansiedade de não conseguir produzir	40
Imagem 4 - O trabalho sem horário.....	41
Imagem 5 - A ausência de limites temporais.....	42
Imagem 6 - A proliferação de grupos de conversa nos aplicativos	43
Imagem 7 - O cansaço acumulado.....	45
Imagem 8 - O desafio das aulas on-line das crianças (e dos pais)	47
Imagem 9 - A preparação do material para a aula on-line do filho	48
Imagem 10 - As aulas on-line da escola	48
Imagem 11 - A descoberta de habilidades culinárias	50
Imagem 12 - O "dever" de estar dedicado ao trabalho em determinado horário.....	51
Imagem 13 - A preocupação de sair de casa no horário de expediente formal.....	52
Imagem 14 - Os intervalos do home office	53
Imagem 15 - O exercício físico e o passeio com o cachorro	54
Imagem 16 - Um modo de trabalho a ser compreendido	56
Imagem 17 - O quarto da "bagunça"	59
Imagem 18 - Os elementos envolvidos na prática.....	59
Imagem 19 - As competências para reformar	60
Imagem 20 - A formação de um local para trabalhar	60
Imagem 21 - A organização do trabalho on-line.....	62
Imagem 22 - Os materiais necessários para a prática	62
Imagem 23 - A privacidade do local para trabalhar	63
Imagem 24 - O trabalho no meio do movimento da casa.....	65
Imagem 25 - A negociação de um espaço	67
Imagem 26 - A flexibilidade de local.....	68
Imagem 27 - A mistura de ambientes e práticas (garfo e <i>mouse</i>).....	69

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Análise de práticas	20
Quadro 2 - Informações sobre os entrevistados	24
Quadro 3 - Codificação	32
Quadro 4 - Categorização.....	34
Quadro 5 - Elementos do <i>home office</i>	72

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
2.1 A concepção do espaço na estruturação social	13
2.2 A constituição do ambiente doméstico.....	15
2.3 A Teoria da Prática.....	17
3 METODOLOGIA	22
3.1 Delineamento da Pesquisa	22
3.2 Contexto da Pesquisa.....	23
3.3 Procedimento de coleta de dados	26
3.4 Técnica de análise de dados	31
4 ANÁLISE DOS RESULTADOS	36
4.1 Percepção do tempo.	37
4.2 Percepção do espaço.....	55
5 CONCLUSÃO	73
REFERÊNCIAS.....	79

1 INTRODUÇÃO

"O dia em que a Terra parou". Esse seria o título que a historiadora e antropóloga Lilia Schwarcz (USP/Brasil e Princeton/EUA) daria à aula que explicaria a situação vivida a partir de 2020. Com as medidas iniciais adotadas para conter a disseminação do vírus, realmente, tudo parou. Será que estaríamos diante de um novo mundo (BELK, 2020)? Com o intuito de ilustrar a relevância do momento, a pandemia poderia ser usada como um marcador de tempo, assim como a virada de um século, por exemplo. A historiadora citada explica que se esperam mudanças em determinadas datas, mas pondera que não funcionaria bem assim, pois "é a experiência humana que constrói o tempo". Neste sentido, o historiador britânico Eric Hobsbawm afirmou: "o longo século 19 só teria terminado após a Primeira Guerra Mundial, em 1918". Atualmente, como percebemos o que está ocorrendo?

Até então, observa-se que o mundo foi colocado à prova com a situação gerada pela pandemia do COVID-19, reconhecida oficialmente pela Organização Mundial da Saúde (OMS), em 11 de março. Com isso, estaria ocorrendo um esforço para conter a disseminação do vírus, transformando as relações sociais e culturais, atingindo os mais diversos setores: econômico, trabalho, educação, saúde, tecnologia, indústria, comércio, entre outros. Ressalta-se que algumas das mudanças e tendências, observadas neste curto período, teriam ocorrido de forma gradual e levariam mais alguns anos para acontecer. Falando à *BBC News*, o microbiologista Átila Iamarino (USP/Brasil e Yale/EUA), afirma que "o mundo levaria décadas para implementar voluntariamente estas mudanças que ocorreram em questão de meses e que, independentemente da progressão da pandemia e das mortes que podem acontecer, somente as mudanças realizadas para a adaptação já adiantaram passos que a humanidade daria nas próximas duas décadas".

Desta maneira, o distanciamento social, que se mostrou eficaz na estratégia de contenção da doença, transformou a vida cotidiana, muitas vezes de forma compulsória. A professora da Escola de Negócios da Universidade de Nova York, Amy Webb, falando ao *Newsday Journal*, afirmou que "a vida depois do vírus será diferente", ressaltando que "temos uma escolha a fazer: queremos confrontar crenças e fazer mudanças significativas para o futuro ou simplesmente preservar o *status quo*"? Pode-se verificar que muitos hábitos estão sendo revistos, inclusive saindo de

uma situação de "invisibilidade" e passando para o centro das discussões (CAMPBELL; INMAN; KIRMANI; PRICE, 2020).

Neste sentido, Pete Lunn, chefe da Unidade de Pesquisa Comportamental do Departamento de Economia do Trinity College em Dublin, traz que "muitas coisas podem mudar, mas algumas mudanças serão de dentro", ou seja, "quando se fala de hábito, pode-se considerá-lo como um inibidor de adoção de alternativas que poderiam ser melhores". No entanto, explicou que "a pandemia também está propiciando reconsiderar as atividades cotidianas, que muitas vezes passam despercebidas e que acabam não sendo questionadas".

Por conseguinte, o distanciamento social também acabou impactando nos modelos de negócios e nas modalidades de trabalho até então praticadas. Para a continuidade da vida produtiva, uma alternativa encontrada foi a da implementação do trabalho remoto ou à distância, ou seja, o desenvolvimento das atividades profissionais a partir de casa. O resultado disto foi um aumento significativo de trabalhadores nesta situação, registrando-se 8,7 milhões de pessoas trabalhando remotamente após três meses da declaração de pandemia (IBGE, Jun/2020).

Segundo Liz Farmer, do Centro de Pesquisa do Futuro do Trabalho (Instituto Governamental Rockefeller), "muitos acreditam que o resultado desta experiência levará mais pessoas a escolher trabalhar remotamente um ou dois dias por semana". A pesquisadora, além de esperar um aumento deste modo de trabalho, ressaltou o fato de que "estamos trabalhando em casa, mas estamos trabalhando com crianças correndo ao fundo, em uma cozinha ou em um quarto bagunçado" e que "nossos colegas de trabalho nunca tinham visto estas cenas antes".

Realmente, esta situação trouxe enormes desafios, pois mexeu com todo um arranjo de elementos que formam os espaços domésticos (HOLMES; LORD; ELISWORTH-KREBS, 2021). Partindo da premissa de que trabalhar envolveria o desempenho de práticas, coordenadas e sincronizadas no espaço e no tempo, se percebeu no *home office* um profícuo *locus* de estudo. Neste aspecto, Castilhos *et al.* (2016) afirmam que "quando o lugar é posicionado como elemento central de análise, o estabelecimento e as negociações de significados, identidades, trocas simbólicas, experiências e intersubjetividade ficam mais evidentes".

Nas abordagens em que o ambiente doméstico foi objeto de estudos (DION, 2014; ARSEL, BEAN, 2013; HAND, SHOVE, 2007; McCracken, 1989), verificou-se que esse estaria em constante reconfiguração, por influências internas e externas.

Nesta perspectiva, o *home office* foi inserido em um espaço, no qual agentes - humanos e não humanos - estariam em constante negociação. Estas interações poderiam revelar outras práticas ou micro práticas específicas que, potencialmente, iriam influenciar e reconfigurar todo um contexto.

Cabe referir que neste estudo o termo "prática" não designa somente a ação de praticar o trabalho em si ou o de entregar um produto decorrente da atividade laboral. O significado do termo vincula-se à abordagem teórica adotada, tendo relação com o comportamento que faz parte da rotina, do dia a dia. Conforme explicita Reckwitz (2002), deve-se "distinguir a prática enquanto termo que descreve uma ação humana (em contraste à 'teoria') e prática no sentido adotado pela Teoria das Práticas".

Assim, por que as pessoas fazem o que fazem? E como fazem? Essas podem ser questões centrais para analisar uma prática. As conexões realizadas formam sistemas e redes interligadas. Ainda, o seu curso poderia afetar a trajetória de outras práticas e, conseqüentemente, diferentes aspectos da vida cotidiana (BLUE; SHOVE; CARMONA, 2014). Desta forma, para capturar com mais propriedade, os diversos elementos que se conectam com o *home office*, a utilização de uma lente teórica com foco nas "práticas" possibilita aproximar o olhar dos "fazeres", das "coisas" e dos "significados" associados (SHOVE; PANTZAR; WATSON, 2012; MAGAUDDA, 2011).

Neste sentido, tendo como propósito entender as mudanças ocorridas dentro dos ambientes domésticos, pela análise de uma determinada prática, "o espaço deve ser concebido como um elemento ativo dos fenômenos sociais" (CASTILHOS *et al.*, 2016). O local não apenas conduz ou serve de cenário para os agentes. A abordagem que utiliza a Teoria da Prática destaca o entrelaçamento destes elementos, pois a atividade humana ocorre em um meio de agentes não humanos, ou seja, "o entendimento de uma prática específica também envolve a apreensão da configuração material" (SCHATZKI, 2001).

Assim, os agentes humanos e os agentes não humanos influenciam-se uns aos outros, transformam e são transformados. Isso resulta que "tanto as pessoas quanto as 'coisas' são consideradas como portadores da prática" (SHOVE, 2012). Conforme explica Warde (2005): "as formas substantivas adotadas pelas práticas estão sempre condicionadas aos arranjos institucionais característicos do tempo, do espaço e do contexto social, como por exemplo, a organização familiar e as tradições culturais".

A partir destas considerações, **o estudo teve como objetivo buscar uma compreensão da prática do trabalho profissional realizado a partir dos ambientes domésticos, desde o início da pandemia do COVID-19.** Neste contexto, com o olhar focado nas práticas diárias relacionadas ao trabalho em *home office*, questões relacionadas ao “porquê”, “para quê” e “como” fazem, resultaram nos seguintes **objetivos específicos**:

- a) **Identificar as ações dos indivíduos para desempenhar o trabalho em *home office*;**
- b) **Identificar os materiais e os objetos empregados nos ambientes domésticos em decorrência do *home office*;**
- c) **compreender os significados e os sentimentos relacionados ao trabalho exercido nos ambientes domésticos;**
- d) **entender a rotina cotidiana no espaço doméstico com *home office*.**

Neste caminho, o estudo justifica-se por abarcar um fenômeno decorrente de um período contemporâneo que, provavelmente, continuará sendo objeto de pesquisa pelas mais diversas áreas (social, antropologia, engenharia, medicina, economia, saúde, lazer, trabalho, psicologia, design, consumo, tecnologia, cultura, gestão etc). Ressalta-se que as análises realizadas foram subsidiadas por dados coletados no período em que se buscava pesquisar, em meio aos acontecimentos. Isto proporcionou guardar um retrato do contexto histórico vivido à época, mantendo-se um registro material para eventuais consultas futuras.

Por conseguinte, o entendimento das mudanças ocasionadas pela implementação do trabalho profissional nos espaços domésticos torna-se relevante diante do impacto na vida cotidiana (HOLMES; LORD; ELISWORTH-KREBS, 2021). É difícil visualizar algo que passou incólume à situação. Assim, ainda que a modalidade *home office* não seja nova, o fenômeno observado transformou a percepção em relação ao modo de trabalhar. O que era tratado como exceção, ou apenas uma tendência, acabou ganhando um foco de atenção e tornou-se uma alternativa para continuar produzindo em meio a uma pandemia.

Embora haja abordagens de vários ângulos sobre trabalho, pesquisas relacionadas ao *home office*, neste contexto, ainda são incipientes. Neste sentido, a análise desta prática em uma perspectiva no nível micro, buscou contribuir para os

estudos em que o espaço se posiciona como um elemento ativo das mudanças sociais e culturais.

Com isso, para alcançar os objetivos propostos, este estudo estrutura-se da seguinte forma: 1 Introdução; 2 Fundamentação teórica; 3 Metodologia; 4 Análise de resultados e 5 Conclusão. A fundamentação teórica, que é apresentada no segundo capítulo, é composta por três subcapítulos, tratando: 2.1 A concepção do espaço na estruturação social; 2.2 A constituição do ambiente doméstico e 2.3 A Teoria da Prática. O quarto capítulo apresenta os subcapítulos que analisam as duas dimensões: a) percepção do tempo e b) percepção do espaço.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo é formado por três subcapítulos: 2.1 A concepção do espaço na estruturação social, 2.2 A constituição do ambiente doméstico e 2.3 A Teoria da Prática. A proposta deste capítulo é apresentar as bases teóricas utilizadas no desenvolvimento do estudo.

2.1 A concepção do espaço na estruturação social

O espaço pode ser concebido como um "elemento ativo dos fenômenos sociais" (CASTILHOS *et al.*, 2016). É agente em um contexto formado por interações sociais, simbolismos culturais, negociações, significados e experiências. Logo, detentor de força, o espaço não exerce apenas uma função cenográfica, como um palco que recebe os atores que irão atuar. O espaço é ao mesmo tempo influenciador e influenciado. Assim, a compreensão da concepção do espaço na estruturação da sociedade proporciona uma lente para ser aplicada a este estudo.

Conforme Castilhos *et al.* (2016), "não houve um esforço para entender como os espaços se relacionam, que características os diferenciam e, principalmente, como essas características afetam as experiências dos consumidores nos lugares". Pondera que "apesar de estudos de marketing terem investigado uma variedade de espaços, como os lares (DION *et al.*, 2014), *shopping centers* (MACLARAN; BROW, 2005), bairros (CHAHATZIDAKIS *et al.*, 2012) e cidades (LUCARELLI; BERG, 2011), a dinâmica no cerne do consumo 'de' e 'no' espaço exige uma compreensão mais profunda da posição dos diferentes espaços que consumidores, profissionais de marketing e partes interessadas constroem, negociam e interagem" (CASTILHOS; DOLBEC, 2016).

O espaço era considerado uma unidade sem conexão com os fenômenos observados. Contudo, ao longo do tempo foi sendo demonstrada a sua vinculação às ações dos indivíduos e à formação dos processos sociais, principalmente, após o movimento conhecido como *Spatial Turn* (WARF, ARIAS, 2009; SOJA, 2009 *apud* CASTILHOS *et al.*, 2016). O entendimento do espaço como um elemento que integra determinada prática resulta considerá-lo como um agente ativo, dotado de força para interferir, mas também passível de sofrer modificação. Um lugar é "compreendido e investido de significados e valores" (TUAN, 1979 *apud* CASTILHOS; DOLBEC;

VERESIU, 2016), podendo ser "a poltrona favorita de alguém ou a Terra inteira" (TAYLOR, 1999 *apud* CASTILHOS; DOLBEC; VERESIU, 2016).

Desta forma, práticas relacionadas à vida em sociedade poderiam ser observadas e analisadas também por uma perspectiva "espacial", principalmente em um contexto que se considera a construção social, cultural e histórica do ser humano. Ainda, segundo Castilhos, Dolbec e Veresiu (2016), os locais cumprem três funções principais na dinâmica dos mercados: "materializam significados, enquadram as experiências dos atores do mercado e promovem o vínculo entre atores e elementos do mercado".

Segundo Castilhos (2015), "os espaços influenciam na negociação das forças que formatam os mercados". Neste sentido, os mercados são constituídos por uma dinamicidade entre uma gama de elementos, tais como atores e dispositivos, que carregam consigo os seus interesses e suas influências culturais (GEIGER; KJELLBERG; SPENCERS, 2012). Contudo, a "maioria dos estudos sobre a construção de mercados focam no papel dos consumidores e dos produtores" (DOLBEC; FISCHER, 2015), deixando de fora outros elementos, como o espaço. Desse modo, a compreensão dos mercados passa por uma investigação de práticas que ocorrem em um determinado espaço (ARAUJO; KJELLBERG; SPENCER, 2008), em constante construção e modificação. Com isso, para compreender o contexto de um fenômeno, se evidencia a importância de analisar uma prática considerando o espaço em que está inserida.

Neste sentido, estudos a partir da prática (RECKWITZ, 2002; SCHATZKI, 2005), explicam que os comportamentos cotidianos, constituídos por diversos elementos, estão interconectados. Conforme Reckwitz (2002), "uma prática define um conjunto, cuja própria existência depende obrigatoriamente da interconexão dos elementos que o compõem, não permitindo que seja reduzida a um destes elementos isoladamente". As práticas constroem a realidade social, na medida que a sua existência se origina do poder de agência destes elementos. Esta perspectiva permite uma análise mais apurada sobre a atuação dos agentes humanos e não humanos sobre um fenômeno. Desse modo, o "espaço é um elemento fundamental para a compreensão dos aspectos simbólicos e experimentais" (VICONTI *et al.*, 2010; MARTIN; SHOUTEN, 2013).

Por conseguinte, o espaço poderia ser analisado adotando-se abordagens diversas, dependendo do objetivo do estudo. São dimensões como: de lugar

(significados), de território (dominação e resistência), de escala (interconexão) e de rede (redes) (CASTILHOS *et al.*, 2016). Este estudo adota a dimensão de "lugar", partindo do entendimento de que o espaço é formado por toda uma carga material e simbolismos culturais. Assim, "um lugar com significados é uma construção formada pelos indivíduos e pelo espaço" (VISCANTI; SHERRY, BORGHINI; ANDERSON, 2010). A análise desta prática foi realizada a partir de um lugar, em que as interações constroem uma "realidade" carregada de significados, sendo influenciada por elementos internos e externos.

2.2 A constituição do ambiente doméstico

O lar é superior à soma das partes que são concretamente visualizadas, sendo constituído por vários simbolismos e arranjos (McCRACKEN, 1989). Assim, ao se estudar a materialidade em um contexto, o foco não se concentraria apenas nas posses, mas se observaria os significados de todo o ambiente (DION; SABRI; GUILLARD 2014). Sobre os lares, Grant McCracken (1989), em "*HOMEYNESS. A Cultural Account of One Constellation of Consumer Goods and Meanings*", realizou um estudo considerando as propriedades físicas, simbólicas e pragmáticas nestes espaços, demonstrando o seu caráter cultural e suas respectivas consequências. Neste aspecto, para analisar a integração dos elementos relacionados ao *home office*, este estudo toma como referência os estudos realizados por McCracken (1989) e, posteriormente, por Magauda (2011) e por Dion *et al.* (2014).

O lar é considerado como uma noção abstrata que emerge das práticas cotidianas e está em constante transformação (McCRACKEN, 1989). Os indivíduos se adaptam à medida que as interações vão ocorrendo, inclusive ajustando-se às mudanças culturais. Em relação à granularidade de investigação dentro deste espaço, Sewel (1992 *apud* DION; SABRI; GUILLARD, 2014) observou que as estruturas identificadas em um nível macro, estão sempre em diálogo com as práticas, técnicas e improvisações identificadas em um nível micro. Assim, concentrando-se nas negociações de normas culturais em nível micro, as ações mundanas e o cotidiano doméstico ficariam mais evidentes para a compreensão da estrutura dinâmica da sociedade (ASKEGAARD; LINNET, 2011).

Outrossim, os bens materiais carregam significados simbólicos e culturais. Desta forma, um entendimento de como os indivíduos estruturam os ambientes e

lidam com os objetos, poderia revelar elementos dispersos da vida cotidiana. A ordem prática das coisas incorpora significados culturais, ou como afirma Miller (2008): "o significado social e cultural infunde a ordem material". Assim, as práticas diárias evidenciadas a partir do ambiente doméstico, permitem compreender como os indivíduos se movimentam baseado em uma visão cultural na materialidade. Dado o caráter abstrato das regras sociais e culturais, permanece um grau de incerteza quanto a determinação dos efeitos da conduta esperada. "Em qualquer situação social, os indivíduos nunca enfrentam um resultado completamente previsível das trocas simbólicas sociais nas quais se envolvem" (ASKEGAARD; LINNET, 2011).

Neste caminho, os indivíduos estão gerenciando uma nova situação que implica reordenar todo um ambiente doméstico criado com determinados significados e simbolismos. Por outra perspectiva, esta readequação, resultante das medidas adotadas para conter a pandemia, poderia evidenciar interações de práticas e de regras culturais envolvidas em um lar neste contexto. Conforme Filiod (2003 *apud* DION *et al.*, 2014), "o arranjo espacial é o resultado de uma 'bricolagem' coletiva que expressa o *eu* pessoal e coletivo".

Neste aspecto, um fator que se agrega a esta situação de readaptação dos ambientes, ou a esta "bricolagem", é a evolução dos meios digitais para o trabalho. Com isso, o local para se trabalhar pode não ter uma posição geográfica específica ou um ponto fixo, podendo ser dinâmico e variar de um lugar para outro. As próprias características da instrumentalização para o desempenho do trabalho, por meio móvel e digital, propiciam várias configurações dentro deste espaço doméstico. Ainda, a determinação de um lugar para cada coisa dependeria de uma classificação cultural estabelecida e internalizada (DION; SABRI; GUILLARD, 2014), como observa-se na estruturação e na organização das casas com espaços específicos para cada função (DION *et al.*, 2014; ARSEL, BEAN, 2013).

Deste modo, cria-se um contexto em que o indivíduo estabelece um *locus* de trabalho, ainda que itinerante e temporário. Neste cenário, diversos fatores poderiam influenciar no arranjo do lar, dependendo da rotina e das interações neste ambiente. A relevância desta organização do ambiente doméstico e a sua influência social e cultural ficou evidenciada por Shove (2003), em um estudo sobre "um sentimento de perigo diante de um desacordo na adaptação à visão de 'ideal' de casa, conforme os padrões promovidos". Ainda, certas situações poderiam desencadear uma percepção

de "não estar cumprindo um papel para inclusão e aceitação social" (DICKERSON; GRUENEWALD; KEMENY, 2004 *apud* DION *et al.*, 2014).

Na mesma linha, há uma difusão de publicações que transmitem às pessoas uma visão ideal de casa (DION, 2014), mostrando a maneira apropriada de apresentar e ordenar os bens domésticos (ARSEL; BEAN, 2013). O medo de uma avaliação social constituiria uma ameaça à identidade - ou à imagem, em que uma eventual desconformidade poderia ser percebida como "errada". Segundo Holt e Ustuner (2009), "a casa - localização, estilo, recursos e detalhes - seria essencial para a construção da identidade do consumidor em todo o mundo". Assim, o indivíduo absorveria estas normativas ou estes padrões, para produzir e projetar uma imagem definida como sendo a ideal. Por outro lado, o espaço doméstico também seria uma construção realizada por seus ocupantes e teria como princípio a sensação de segurança e de proteção contra ameaças externas. De acordo com McCracken (1989), "são lugares que garantem ao morador a desnecessidade de formalidades rígidas de vestuário, postura ou comportamento".

Em suma, os lares são locais que estruturam significados e simbolismos culturais, refletindo aspectos materiais e emocionais. O contexto se forma com os objetos e os arranjos, que parecem fazer com que o indivíduo assuma as propriedades do espaço e do conteúdo que o integra, ou seja, as propriedades simbólicas do lar são transferidas aos seus ocupantes (McCRACKEN; 1989).

2.3 A Teoria da Prática

A Teoria das Práticas tem como principais precursores Giddens, Bourdieu, Foucault, Heidegger, Wittgenstein, Marx, Lyotard e Charles Taylor (SHOVE *et al.*, 2012; WARDE, 2005). Muitas tentativas foram realizadas para reunir as variações em relação aos seus elementos constitutivos (RECKWITZ, 2002), mas um entendimento em comum é o de que "as práticas sociais são consideradas o local da ordem social e da mudança" (SHOVE, 2014). Neste sentido, o estudo adota uma lente teórica com foco nas "práticas", com base nos trabalhos desenvolvidos por Schatzki, Reckwitz, Shove, Pantzar, Magaudda, Warde, Wilhite e Gram-Hanssen, por compartilharem um mesmo entendimento que será utilizado para a análise da prática do *home office*.

Partindo do conceito elaborado por Reckwitz (2002), "uma 'prática' é um tipo de comportamento rotineiro, o qual consiste em vários elementos, interconectados entre

si: formas de atividades corporais, formas de atividades mentais, 'coisas' e seus usos, conhecimento prévio na forma de entendimento, *know-how*, estados de emoção e de motivação". Assim, "uma prática, como a maneira de trabalhar, de cozinhar, de consumir etc, é um conjunto de elementos relacionados entre si" (RECKWITZ, 2002).

Para analisá-la não se poderia considerar os elementos isoladamente, pois se perderia a própria essência que a forma. Neste sentido, contraria a ideia de tratar o indivíduo e o artefato como a unidade de análise, ou que se preocupa em dividir os objetos e os operadores" (INGRAM; SHOVE; WATSON, 2007). Reckwitz (2002) reforça este sentido de maneira concreta, dizendo que "também os objetos - aparelhos de televisão, casas e *brownies* - são o lugar do social, na medida que são componentes necessários das práticas sociais".

Considerando que uma "prática" é um "nexo de 'fazeres' e de 'dizeres'" (SCHATZKI, 1996), essa pode ser observada "quando de maneira rotineira, corpos são movidos, objetos são manuseados, assuntos são tratados, as coisas são descritas e o mundo é compreendido" (RECKWITZ, 2002). Desta forma, uma prática é constituída quando elementos são combinados, "devendo a análise se preocupar tanto com a atividade prática, quanto as suas representações" (WARDE, 2005).

Seguindo o embasamento teórico adotado, as práticas representam o resultado das conexões "performativas" de três elementos (WARDE, 2005). Neste sentido, o estudo utiliza a classificação estabelecida por Shove *et al.* (2012), não só por explicitar de forma sintética e clara a integração dos elementos constitutivos, mas também por considerar a relevância do que se refere ao "material" ou às "coisas". Estes elementos são definidos como: a) materiais; b) competências e c) significados.

Os elementos materiais (*things*) abrangem "objetos, infraestruturas, ferramentas, tecnologias e o próprio corpo" (SHOVE *et al.*, 2012). No cotidiano muitas "coisas" são utilizadas de certa maneira e com frequência, compondo uma determinada prática, mesmo que passem despercebidas. Neste aspecto, Shove (2007) refere as observações de Douglas e Isherwood, que declaram que "coisas são necessárias para tornar visível e estável as categorias de cultura e tendem a ser interpretadas como uma afirmação sobre o significado da distinção simbólica do papel abstrato dos artefatos como marcadores e portadores de significado". Como exposto, as "coisas" são necessárias para constituir uma prática e a relação sujeito-objeto mostra-se pertinente para uma análise mais abrangente.

Cabe ressaltar que uma característica das práticas é a de que não são estáticas. As práticas "emergem, persistem, mudam e desaparecem quando a conexão entre os três elementos (materiais, competências e significados) são feitas, sustentadas ou quebradas" (SHOVE *et al.*, 2012). Isto porque o dia a dia está em constante movimento, sofrendo a ação do tempo e do espaço, ou seja, de acordo com as situações que vão se apresentando. Neste aspecto, Wilhite e Sahakian (2014), trazem que "os hábitos estão relacionados a três pilares das práticas - o corpo, o mundo material e o mundo social - e que uma mudança em qualquer um deles poderia mudar um hábito e de fato influenciar nossas disposições gerais".

Ainda, muito do que é visível "resulta de interpretações de normalidade que são tomadas como garantidas" (SHOVE *et al.*, 2012). Entretanto, "quando o agente, realizando uma prática, é confrontado com: uma situação de inadequação do conhecimento, uma indeterminação interpretativa ou uma 'crise' cotidiana de rotina, ocorreria a quebra e a mudança das estruturas" (RECKWITZ, 2002). Por conseguinte, inicia-se um novo ciclo, ou seja, após o hábito ser modificado, torna-se uma forma rotineira de se "fazer" algo e que, novamente, passará à esfera do despercebido. O entendimento da dinâmica da mudança e da transformação da prática faz parte da formação da teoria (WARDE, 2005). A ênfase na dimensão performativa possibilita observar os elementos interagindo em "processos maiores de emergência, transformação e declínio de práticas socialmente incorporadas" (MAGAUDDA, 2011).

Por conseguinte, a prática de trabalhar em *home office* também depende da integração destes elementos: a) *Materiais*: instrumentos, aparelhos eletrônicos, *hardware*, *software*, tecnologia de transmissão e comunicação, infraestrutura, móveis, energia elétrica etc. b) *Competências*: habilidades, conhecimento técnico, formação para exercer atividades específicas etc. c) *Significados*: entender o trabalho como algo normal e necessário, associado à dignidade da pessoa humana, a valores sociais e à subsistência etc.

Por fim, com intuito de demonstrar a adoção de uma abordagem teórica das práticas, colacionam-se estudos que guardam similitude no processo de análise empírica. Após a apresentação do quadro, o próximo capítulo discorre sobre a metodologia adotada neste estudo

Quadro 1 - Análise de práticas

<i>Artigo Autor</i>	<i>Prática analisada</i>	<i>Contexto</i>	<i>Objetivo do estudo</i>	<i>Elementos integrados</i>
SHOVE <i>et al.</i> (2014)	Fumar (ato) na vida cotidiana.	Padrões de saúde e bem-estar são influenciados pelas práticas das pessoas, tendo em mente que não é sinônimo de comportamento individual.	Entender como a prática de fumar se relaciona com vários aspectos da vida cotidiana; para aplicar em políticas de saúde pública, induzindo a uma mudança de comportamento.	Materiais: cigarros, fósforos, isqueiros, culturas de tabaco, fábricas, sistema de transporte, infraestrutura de varejo. Competências: conhecer onde, quando e como fumar. Não apenas como acender um cigarro e inalar, mas como fumar da maneira 'correta' situação social. Significados: Entender como algo normal e socialmente aceitável, associado a: relaxamento, sociabilidade, glamour e resistência.
Artigo Autor	Prática analisada	Contexto	Objetivo do estudo	Elementos integrados
GRAM-HANSEN (2008)	Utilizar tecnologia (eletroeletrônicos) nos lares	A introdução de novas tecnologias nos lares e a sua influência nas rotinas. As rotinas mudam, se desenvolvem e se estabilizam junto com as mudanças sociais e culturais.	Entender como as pessoas utilizam os diferentes tipos de tecnologia (eletroeletrônicos domésticos) nos lares e como as rotinas são influenciadas com isso. Aliado às mudanças sociais e culturais.	Materiais: aparelhos eletroeletrônicos, energia elétrica, tecnologia, infraestrutura, fábricas, Competências: conhecer as características e o emprego das diversas tecnologias para decidir a adoção e a utilização. Conhecimento técnico para utilizar. Significados: Entender a utilização da tecnologia como algo normal, associado a: adequação social, conforto, conveniência, economia de tempo, necessidade para conseguir cumprir com as atividades cotidianas.

<i>Artigo Autor</i>	<i>Prática analisada</i>	<i>Contexto</i>	<i>Objetivo do estudo</i>	<i>Elementos integrados</i>
SHOVE <i>et al.</i> (2005)	Caminhada Nórdica (caminhada com bastões)	O desenvolvimento da prática da caminhada nórdica em diversos países e culturas. Aquisição e utilização de artefatos relacionados à caminhada nórdica.	Entender como as práticas mudam e como influenciam a forma de consumo (integração de elementos). Como explicar o desenvolvimento desta prática em diferentes culturas.	Materiais: bengalas (<i>sticks</i>), fabricação, engenharia e design, empresas de distribuição e comercialização etc. Competências: Técnicas e métodos próprios. Treinamento e conhecimento de como caminhar nesta modalidade. Regras de conduta e de caminhar de maneira "correta" nos ambientes de prática. Significados: Saúde. Condicionamento físico e boa forma. Bem-estar. Diversão.
<i>Artigo Autor</i>	<i>Prática analisada</i>	<i>Contexto</i>	<i>Objetivo do estudo</i>	<i>Elementos integrados</i>
HALKIER (2009)	Consumir alimentos (aliado ao consumo sustentável)	Rotinas alimentares e a sustentabilidade ambiental. Responsabilidade dos consumidores de alimentos.	Entender como a prática do consumo de alimentos pode, potencialmente, contribuir para a sustentabilidade ambiental (baseado em 3 estudos empíricos sobre consumo de alimentos).	Materiais: Alimentos, utensílios, equipamentos, Infraestrutura, produtores, distribuidores e varejo. Competências: conhecer os tipos de alimentos. Como e onde comprar. Técnicas para utilizar e preparar. Como consumir. Conhecer aspectos técnicos dos alimentos e as suas propriedades. Conhecimento sobre sustentabilidade, meio-ambiente, ecologia etc. Significados: Benefício ambiental e social. Responsabilidade. Saúde. Necessidade de alimentação. Sustentabilidade.

3 METODOLOGIA

Este capítulo aborda o método aplicado para o desenvolvimento da pesquisa, buscando obter dados para responder às questões propostas neste estudo. Assim, quatro subcapítulos são apresentados: 3.1 Delineamento da pesquisa, 3.2 Contexto da pesquisa, 3.3 Procedimento para a coleta de dados e 3.4 Técnica de análise de dados.

3.1 Delineamento da Pesquisa

Para buscar um entendimento sobre a prática de trabalhar a partir de casa e a sua influência nas rotinas e nos comportamentos nos espaços domésticos, este estudo adotou uma abordagem do tipo exploratória. Com isso, procurou-se a explicação para um fenômeno, "considerando a experiência social e cultural das pessoas em um determinado contexto" (IKEDA, 2009). Isso implicou em um olhar mais aprofundado no cotidiano dos entrevistados, buscando-se fugir de generalizações ou entendimentos ainda incipientes sobre a situação deste *home office* gerado pela pandemia. Assim, os significados e os simbolismos culturais foram observados no "ambiente natural do indivíduo, confrontando o que ocorre de fato, com o que ocorre no nível do pensamento" (COUPLAND, 2005).

Com foco em compreender todo o processo que sustenta um *home office*, a aplicação de uma teoria embasada nas práticas foi fundamental. Os indivíduos são portadores de práticas, as carregam (RECKWITZ, 2002), ou como traz Schatzki (2001): "as pessoas estão sempre realizando essa ou aquela prática". Assim, o estudo alinha-se à concepção que considera a prática como a menor unidade de análise social (RECKWITZ, 2002). A investigação dos vários aspectos que compõe o ambiente doméstico neste contexto resultou frutífera. A captura dos elementos de um espaço complexo, composto por ações, objetos e significados que adquirem diferentes configurações (ARSEL; BEAN, 2013), tornou-se mais completa observando todo este pacote de práticas conectadas (SHOVE; PANTZAR; WATSON, 2012).

Por conseguinte, para descrever e interpretar as experiências, os significados e os comportamentos, a pesquisa seguiu a corrente interpretativista. Esta abordagem permitiu um entendimento resultante da produção da mente humana, que é capaz de representar o mundo social e cultural de um fenômeno humanamente construído

(CAVALCANTI, 2016). O paradigma interpretativista é um importante "meio para a compreensão da intersubjetividade" (GODOI; BANDEIRA-DE-MELO e SILVA, 2010), sendo a "capacidade do indivíduo em se relacionar com os demais ou com o ambiente natural ou social, a qual estimula diversas interpretações da realidade, ou de determinado fenômeno" (FREITAS, 2017). Portanto, é a cultura, os inter-relacionamentos dos agentes e o olhar de cada pessoa, que resultará em um entendimento do "mundo social". Foi onde a narrativa de cada pessoa ganhou um significado ímpar. Neste sentido, uma abordagem inspirada na etnografia também contribuiu para a formação dos procedimentos metodológicos que foram seguidos nesta pesquisa.

Para a consecução do objetivo do estudo, uma abordagem qualitativa foi determinante para capturar as práticas integrantes da rotina pesquisada. As atividades domésticas caracterizaram-se pela tentativa contínua de lidar com as tensões por meio de várias estratégias (VALTONEN; NÄRVÄNEN, 2015). Assim, uma compreensão da dinâmica envolvida, entre a intimidade cotidiana e o *home office*, passou por nuances ou "detalhes qualitativos" (WALLENDORF; ARNOULD, 2002). Ainda, uma combinação de técnicas para a coleta de dados nas entrevistas resultou em um maior número de fontes para corroborar os achados.

3.2 Contexto da Pesquisa.

A prática de trabalhar em *home office* a partir desta pandemia pode ser observada em muitos lugares. Esta pesquisa buscou compreender a questão em um contexto formado por indivíduos que exerciam atividades profissionais de modo presencial em organizações ou empresas localizadas no Brasil, e que passaram para *home office* devido às medidas tomadas para conter a proliferação do vírus. Apesar desta modalidade de trabalho não ser nova, a situação provocada pela pandemia é encarada como um fenômeno desafiador, considerando o elevado número de pessoas que estão passando por esta experiência pela primeira vez. As pessoas que ocupavam as casas estavam convivendo com um elemento que, geralmente, era considerado externo aos espaços domésticos (McCRACKEN, 1989). As várias interpretações da realidade pelos indivíduos, foram captadas pelos significados subjetivos dentro deste contexto (MERTZ, 1985; SILVESTRIN, 1976 *apud* McCRACKEN, 1989).

Para desenvolver a pesquisa, foram selecionadas seis pessoas para participarem como informantes, estando condicionado: (I) à execução do trabalho profissional no espaço doméstico, (II) pela adoção do *home office*, (III) em decorrência da pandemia do COVID-19, (IV) em caráter definitivo ou temporário. O número de entrevistados acabou gerando um grande volume de dados, pois as informações e a riqueza de detalhes não ficaram adstritas somente à pessoa, mas a todo o entorno. A abordagem qualitativa, com foco nas práticas, propiciou isso, revelando a interconexão dos vários elementos que formam a rotina e o cotidiano neste contexto (RECKWITZ, 2002). Assim, pessoas, objetos, significados, fazeres, emoções, entre outros, formaram uma rede (SHOVE; PANTZAR; WATSON, 2012) que acabou se ramificando. A seguir, apresenta-se o quadro informativo sobre os entrevistados:

Quadro 2 - Informações sobre os entrevistados

<i>Entrevistado</i>	<i>Informações</i>
<p>Hélio (42 anos)</p>	<p>Trabalha na área de auditoria e contabilidade.</p> <p>Mora com a esposa (trabalha na área da saúde), dois filhos (8 e 6 anos) e um cachorro, em um apartamento de 3 quartos, com uma sala de estar e jantar integrados.</p> <p>Durante a pandemia, reformulou com divisórias de madeira, um "quartinho" que fica localizado ao lado da cozinha e da lavanderia, que era destinado à guarda de objetos diversos.</p>
<p>Gabriel (39 anos)</p>	<p>Trabalha na área jurídica.</p> <p>Mora com a esposa (trabalha na área administrativa) e o filho (8 anos) em um apartamento de 3 quartos, com uma sala de estar e jantar integrados.</p> <p>Organizou para o <i>home office</i> um cômodo utilizado como depósito de objetos diversos.</p>

<p>Vitória (55 anos)</p>	<p>Trabalha na área da saúde.</p> <p>Mora com o marido (trabalha na área de TI) em um apartamento de 3 quartos. Os 2 filhos (23 e 20 anos) não moram na mesma cidade.</p> <p>Não fez mudanças ou reformas no imóvel no período da pandemia.</p>
<p>Norberto (45 anos)</p>	<p>Trabalha na área de tecnologia da informação e na área de marketing.</p> <p>Mora com a esposa (trabalha na área da saúde) e com 1 filha (11 anos) em um apartamento de 3 quartos, com uma sala de estar e jantar integrados. O outro filho (14 anos) mora com a ex-esposa.</p> <p>Mudou para este imóvel recentemente, saindo de um apartamento menor.</p>
<p>Miguel (53 anos)</p>	<p>Trabalha na área administrativa e contábil.</p> <p>Mora com a esposa (trabalha na área jurídica) e 1 filha (14 anos) em um apartamento de 2 quartos e um escritório, com uma sala de estar e jantar integrados.</p> <p>Não fez mudanças ou reformas neste período da pandemia.</p>
<p>Laura (44 anos)</p>	<p>Trabalha na área de auditoria contábil.</p> <p>Mora com 2 filhos (13 e 6 anos) em um apartamento de 3 quartos, com uma sala de estar e jantar integrados.</p> <p>Mudou para este imóvel no final do ano 2020. Não fez reformas neste período da pandemia.</p>

Fonte: Elaborado pelo autor

3.3 Procedimento de coleta de dados

Para uma maior profundidade, a coleta envolveu uma combinação de métodos. Inicialmente, foram realizadas entrevistas qualitativas com áudio e vídeo de modo remoto, utilizando os aplicativos *Zoom Meetings* e *Microsoft Teams*, todas gravadas com autorização. Isso tornou mais evidente os significados, os elementos materiais, os "fazer" e "dizer" que os agentes humanos e não humanos carregavam, trocavam e se apropriavam. As entrevistas duraram entre 45 minutos e 1 hora e 20 minutos, totalizando mais de sete horas de gravação.

Importante ressaltar que, à medida que a coleta avançava, verificou-se que a quantidade de entrevistas realizadas se equiparava a um número muito maior de informantes. Isso porque os dados capturados extrapolavam cada indivíduo, observando tantos outros elementos que se conectavam à prática. Assim, o que se tinham por entrevistas, resultaram em "casos estendidos", aproximando-se do método de estudo - *Extended Case Method* - que aplica a ciência reflexiva à etnografia, com a finalidade de extrair o geral do particular, passando do "micro" ao "macro" (BURAWOY, 1998). Neste aspecto, a adoção de um viés etnográfico permitiu obter os dados a partir do ambiente doméstico do informante, posicionando a vida cotidiana em um contexto maior.

Por conseguinte, as entrevistas foram realizadas utilizando-se um roteiro semiestruturado com perguntas amplas (McCRAKEN, 1988), conforme a direção e o ritmo da "conversa". Conforme leciona Fonseca (2011), "as entrevistas em profundidade permitem a perspectiva 'da' ação, ou seja, os informantes descrevem sua visão com relação ao que são capazes de se lembrar e produzir sentido sobre determinado fenômeno ou experiência". Tomou-se cuidado para que não houvesse indução às respostas, obtendo as informações de forma fluida (FLICK, 2009). Nestas entrevistas não diretivas (BARDIN, 1977), o foco prendeu-se à narrativa das situações e dos significados do ponto de vista do informante. Tudo ocorreu de forma natural, direcionando-se conforme a fala do entrevistado (HEISLEY; LEVY, 1991).

No momento em que se fazia contato com o informante pela primeira vez, para verificar a sua disponibilidade em participar da pesquisa, uma breve síntese do assunto era feita. Contudo, sempre se atentava para não explicitar algum objetivo ou induzir a direcionamentos prévios. A regra era: "não tem resposta certa ou errada". A preocupação de bem responder ou de manter uma certa tecnicidade sobre o assunto

ainda rondava o imaginário de alguns entrevistados nos primeiros minutos. Perguntas como: "quando tenho que devolver o questionário" ou "quantas questões são", foram realizadas. Após expor como se daria o andamento da entrevista, notou-se que esta abordagem e esta técnica não eram esperadas ou conhecidas, gerando surpresas positivas. Ato contínuo, solicitava-se que o informante apresentasse imagens ou fotografias sobre o assunto no dia da reunião, realizada sempre de modo on-line. Não se estabeleceu um número mínimo ou máximo, mas se pedia que fosse o suficiente para abarcar o que gostaria de transmitir. Também houve a possibilidade de encontrar a imagem na hora, pois os meios digitais permitiram isso. Alguns encaminharam as fotos com antecedência, inclusive com explicações prévias das imagens, outros deixaram para apresentar no dia. Houve a apresentação de fotografias, de imagens, de vídeos e também de entrevistas, sempre com uma vontade de contribuir, característica sempre presente por parte de todos. A escolha do horário foi propositalmente deixada para o próprio informante indicar, tudo para uma maior concentração e foco à pesquisa.

A solicitação destas imagens tinha como objetivo preparar um contexto em que a pessoa pudesse se sentir mais conectada ao assunto. Foi dada voz a elas. Isso permitiu que a imagem (objetiva) se conectasse com o seu significado (subjetivo). O registro de imagens deixou de ser um simples modo de provar as observações escritas, tornando-se um verdadeiro material de pesquisa, aspecto presente em estudos com viés antropológico (DION, 2007).

A utilização de fotografia e de vídeo em pesquisas já tem um caminho sedimentado nos dias de hoje, alcançando um importante ponto de virada através dos trabalhos de Bateson e Mead, em 1942 (HEISLEY; LEVY, 1991). Contudo, somente após a década de 1970 que a antropologia visual adquiriu reconhecimento acadêmico, tornando-se uma disciplina em expansão (HEISLEY; LEVY, 1991). Segundo Mead (1974 *apud* DION, 2007), a antropologia visual é "o estudo do homem com base no que é oferecido apenas à visão e apreendido através de ferramentas não verbais de investigação". No mesmo sentido, Claudine de France (1994) *apud* Dion (2007) traz que é "o homem como é capturado na unidade e na diversidade de maneiras pelas quais ele exhibe suas ações, seus pensamentos e seu meio".

Desse modo, a imagem forneceu um conteúdo material para a análise (FLICK, 2009), sendo utilizada cada vez mais nas ciências humanas, principalmente no marketing, para estudar o comportamento do consumo (BELK; KOZINETS, 2005).

Portanto, esta técnica possibilitou o estudo e o registro, inclusive histórico, de questões relacionadas à interação social do cotidiano, armazenando detalhes que poderiam passar despercebidos pelos olhos do observador.

Neste sentido, um método que combina técnicas de imagens e entrevistas é o da foto-elicitación. Sua aplicação é confirmada por seu viés antropológico, "baseando-se na teoria dos construtos pessoais, ou seja, que a compreensão do mundo é moldada pela maneira como os indivíduos percebem os eventos, os outros e as situações" (BEILIN, 2005). O foco da atenção estaria na imagem e não na pergunta do pesquisador, dando à entrevista um ponto concreto de referência (ROSEMBAUN, 2005).

Com isso, a imagem se tornou o instrumento para informações baseadas nas características e nas experiências de cada pessoa. Para evidenciar essa subjetividade e a sua força, Collier e Collier (1986 *apud* BEILIN, 2005) observaram que "no caso de fotografias de circunstâncias familiares, uma representação factual de áreas críticas da vida do informante poderia desencadear revelações emocionais retidas e liberar poderosas explosões psicológicas". O papel do pesquisador seria o de reconhecer a relação entre o que é ouvido e o que é dito pelo entrevistado (BEILIN; 2005). As fotografias desafiam o entrevistado, pois "motivam as pessoas a fornecer uma perspectiva de ação, ou seja, a de explicar o que está por trás da imagem e de relacioná-la com a realidade como a veem" (HEISLEY; LEVY, 1991). Neste aspecto, interessante as situações descritas em alguns estudos, nas quais os informantes, ao observarem os momentos fixados no tempo pelas imagens, identificam os elementos (humanos e não humanos) triviais do cotidiano que passam despercebidos. Isso pôde ser evidenciado no momento das entrevistas, pois a percepção de certas práticas acabou surpreendendo a pessoa.

Assim, neste estudo as entrevistas começavam com uma conversa, com o objetivo de "quebrar o gelo" inicial, pois nem todos os informantes eram conhecidos pelo pesquisador. Após se sentirem mais próximos e conectados, entrava-se no assunto relacionado à pandemia e ao *home office*. Notou-se que algumas perguntas - que davam uma certa organização cronológica, ajudavam na narrativa, como falar primeiramente dos primeiros meses da pandemia, depois dos períodos de reabertura, das "ondas" de contaminação e assim por diante. Isso também serviu como um balizador, pois a história foi contada seguindo um contexto que manteve o foco no assunto.

Por conseguinte, os entrevistados foram estimulados a falar sobre as imagens, trazendo à tona os significados inerentes. Nesta etapa, a escolha da ordem de apresentação e a quantidade de figuras ficou a cargo do informante, para não travar o *script* ou a exposição de ideias elaborada. Neste sentido, o emprego da técnica conhecida como *autodriving* propiciou que o próprio entrevistado começasse a se perguntar mentalmente o que estaria vendo em determinada imagem. Collier (1979 *apud* HEISLEY e LEVY 1991) destaca a eficácia das fotografias como projetor de estímulos para as entrevistas, referindo que "as imagens dragam a consciência do indivíduo e de forma exploratória revelam significados".

Deste modo, a entrevista composta pela técnica *autodriving* utilizou as imagens capturadas pelo informante como impulso para a sua manifestação. Uma pergunta genérica era feita (McCRAKEN, 1988), para que a pessoa descrevesse - ou interpretasse, a fotografia ou a imagem apresentada. A continuidade do procedimento se dava de forma natural, pelo próprio encadeamento e transcurso das ideias do informante, fluindo como uma conversa - mas que muito mais se ouvia. Atentava-se para uma evitar um posicionamento quase que espontâneo, que era o de perguntar o "porquê" ou de utilizar alguma outra expressão que implicasse algum tipo de avaliação prévia ou motivasse uma explicação racional.

No processo de coleta das imagens, os informantes foram solicitados a fotografar ou a selecionar imagens relacionadas ao assunto em sua experiência cotidiana, sem condução pelo pesquisador (HEISLEY; LEVY, 1991). Isso permitiu que a observação se mantivesse nas coisas que tinham significado para a pessoa (BEILIN, 2005). Segundo Dion (2007), "uma fotografia ou um vídeo não é uma cópia ou um espelho do mundo, mas uma descrição de algo criado por alguém". Devido à tecnologia e à cultura, o processo de coleta pelos informantes contou com uma certa facilidade instrumental, pois todos possuíam aparelhos celulares com câmera de alta qualidade e acesso à internet. Ainda, este dispositivo, normalmente, estava junto à pessoa e a sua utilização não demandaria esforço ou interferiria na rotina, fator relevante para não haver influência ou alteração das práticas.

A ocorrência de algumas situações no momento dos relatos foi enriquecedora para o estudo, pois todas as entrevistas foram realizadas no próprio local de trabalho (ou que ali acessavam). Isso possibilitou que transitassem ou virassem as câmeras para todos os ângulos do ambiente pesquisado. As narrativas incorporavam as ações

praticadas e os materiais constitutivos, especialmente deixando transparecer os significados e os sentimentos envolvidos na cena.

Um aspecto importante é trazido por Dion (2007), quando ressalta que uma "descrição por imagens é utilizada como um bloco de notas visual, possuindo qualidades confiáveis como: a) autenticidade e irrefutabilidade; b) percepções e observações contínuas e mais completas; c) possibilidade de visualização posterior; d) registro de detalhes e situações nem sempre captadas". Em complemento, este método possibilitaria registrar diferenças de visão entre pessoas frente a uma mesma imagem, como por exemplo, um indivíduo pertencente a um determinado lugar, provavelmente, se concentraria em coisas diferentes do que outro estranho ao local. Portanto, a descrição visual das atividades estaria acompanhada pela expressão verbal direta da pessoa, significando que elementos não observáveis de imediato, como a experiência pessoal, as emoções, os julgamentos e as interpretações, possam ser reunidos (DE FRANCE, 1994 *apud* DION, 2007).

Outrossim, a coleta de dados cuidou de aspectos sensíveis às pessoas que ocupavam os ambientes, pois essa ocorreu em um local comumente mais íntimo (McCRACKEN, 1989). A captura do cotidiano de um lar, poderia atingir valores culturais e ultrapassar limites sociais estabelecidos por cada pessoa (SHOVE, 2003; DION, 2014). Assim, uma forma de amenizar este fator foi a de dar autonomia para o informante coletar as imagens, esclarecendo que todo o tipo de registro seria importante para a análise, mas que nenhuma exposição não autorizada seria realizada. Reforçando este acordo de confiança, foram expostos às pessoas envolvidas os procedimentos éticos relacionados ao estudo e o rigor científico da coleta e da análise dos dados.

Para manter uma linha no processo da coleta de dados, as questões que o estudo pretendeu compreender serviram como base para as entrevistas seguintes, se "autoalimentando", observando os estímulos gerados nos participantes (HEISLEY; LEVY, 1991). Desse modo, a investigação se tornou um processo dinâmico, propiciando um entendimento mais aprimorado do fenômeno. Igualmente, este *feedback* dos informantes foi um processo que cresceu gradualmente, tornando a descrição cada vez mais precisa (DION, 2007). Um dos pontos positivos das técnicas empregadas foi a formação de um sólido registro de informações que puderam ser consultadas a qualquer momento.

3.4 Técnica de análise de dados

Com o objetivo de compreender criticamente o sentido das comunicações, o seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas (CHIZZOTTI, 2006 *apud* MOZZATO; GRZYBOVSKI, 2011), foi utilizada a técnica da análise de conteúdo. A adoção desta técnica revelou-se pertinente, pois buscou-se qualificar as experiências do indivíduo e suas interpretações sobre os dados coletados. Segundo Bardin (1977), "a análise de conteúdo consistiria em um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens".

Para capturar o sentido do conteúdo, Bardin (1977), estabeleceu três fases: 1) pré-análise, 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação (codificação). A codificação se caracterizaria pela escolha da unidade de registro, podendo ser um tema ou uma palavra, por exemplo. Ainda, Bardin (1977) apresenta os critérios de categorização, que "seriam vistos como rubricas ou classes que agrupam elementos que possuem características em comum".

Assim, o processo de escolha de categorias possibilitou a junção de um número significativo de informações organizadas em duas etapas: inventário (destacando os elementos comuns) e classificação (dividindo e organizando os elementos) (BARDIN, 1977). Neste sentido, uma análise comparativa com os principais temas (unidade de registro) abordados em cada narrativa foram categorizados. Assim, com a classificação dos elementos e a comparação entre eles, se identificou experiências em comum e padrões em comportamentos e práticas.

A análise do conteúdo das entrevistas resultou complexa, utilizando-se a corrente interpretativista, gerando uma "dupla interpretação", ou uma interpretação das interpretações dos outros (BRYMAN, 2001 *apud* BEILIN, 2005). Desse modo, os dados fornecidos possibilitaram entender o significado das situações e das práticas a partir do ponto de vista de cada pessoa (SCHROEDER, 2002 *apud* DION, 2007), no contexto de interesse do pesquisador (HEISLEY; LEVY, 1991).

O procedimento de coleta e de análise dos dados se desenvolveu simultaneamente. À medida que as entrevistas acabavam eram realizadas anotações sobre elementos percebidos e evidenciados pelos informantes. Também eram transcritas as observações que durante o processo se rascunhava. Muitas informações do interlocutor e do ambiente doméstico puderam ser captadas devido à

utilização do vídeo e do áudio. Inclusive possibilitou que os informantes exemplificassem ao vivo as situações narradas, como batidas na porta ou interrupções contínuas. Com a leitura das transcrições das falas e das anotações adicionais captadas durante as entrevistas, também houve a possibilidade de rapidamente retornar aos vídeos. Isso se deu principalmente em partes que poderiam ficar mais claras com a visualização da pessoa, como ocorreu algumas vezes nos relatos referentes aos elementos integradores dos espaços domésticos.

Assim, progressivamente os dados foram sendo analisados e apropriados, percebendo-se narrativas, expressões e palavras recorrentes durante o procedimento. Neste sentido uma primeira codificação foi realizada (Quadro 3):

Quadro 3 - Codificação

1. Confinamento e "prisão"	21. Interrupção constante e concentração	41, Falta de pertencer a um ambiente de trabalho	61. Barulho de obra e <i>home office</i>
2. <i>Home office e home schooling</i>	22. Trabalho particionado ou "picotado"	42. Economia com transporte e de tempo de deslocamento	62. Animais de estimação e <i>home office</i>
3 Trabalho em horários disponíveis	23. Falta compreensão de estar trabalho	43. Gastos maiores em casa	63. Mudança para apartamento maior
4 Produtividade baixa	24. Combinação e acordo com as pessoas da casa	44. Queria poder "desligar do trabalho"	64. Peça da casa configurada para trabalho/escritório
5 Desvio do foco e concentração	25. Trabalho em qualquer dia e horário	45. Importância de trocar de ambiente para trabalhar	65. Aluguel de sala/escritório para poder trabalhar
6. Prejuízo atividade intelectual	26. Cuidar das crianças e preocupação com a educação	46. Falta "marcação"/ percepção de ir(sair) e	66. Intervalo para almoço fora do trabalho e almoço em casa

7 Cansaço e trabalho na madrugada	27. Professores não dominam as crianças e dispersão das atividades	47. Flexibilidade	67. Almoço em casa e almoço no trabalho
8 Mistura "vida" e "trabalho"	28. Volta as aulas e alívio/alegria	48. Maior informalidade / "frouxidão"	68. <i>Home office</i> e alimentação
9 Rotina confusa e alternância constante de atividades (de fazeres, trabalho e casa)	29. Flexibilidade de horário e de lugar	49. Permissibilidade maior (poder tomar café, comer algo durante)	69. Pandemia e exercício físico
10. Indiferença de horário de trabalho e "estar em casa"	30. Reunião online ou presencial x indiferente para o trabalho	50. Computador e internet de qualidade	70. (In)Compreensão pelos colegas de trabalho
11. Convívio social no trabalho e <i>WhatsApp</i>	31. Choque de gerações e trabalho em <i>home office</i>	51. Cadeira para trabalhar	71. Desnecessidade de viagem à trabalho
12. Ausência de horário certo	32. Gerações (idade) x trabalho digital	52. Mesa de jantar e mesa de trabalho	72. Importância reunião presencial
13. Fazer conforme surgem situações	33. Atividades mais simples e atividades mais complexas ou intelectuais	53. Cuidado com a saúde e higienização	73. Menor custos com locais físicos de trabalho (imóveis comerciais)
14. Sem controle do "ponto" do trabalho	34. Satisfação no modo de trabalho	54. <i>Home office</i> para evitar contaminação (refere medo)	74. Repensar a vida
15. Confusão de ambientes	35. Busca de trabalho que permita <i>home office</i>	55. Profissões e setores mais adaptados	75. Valorização de certas coisas

16. Adaptação do "quartinho da bagunça" e escritório	36. Prefere emprego que tenha flexibilidade	56. Morar afastado do trabalho	76. Reunião on-line e privacidade
17. Computador velho ou emprestado	37. Liberdade de organização	57. Combinação de trabalho remoto e presencial	77. Atender telefone (incomodar e ser incomodado)
18. Compra ou melhoria no computador	38. Menor interação presencial x maior objetividade na comunicação	58. Tendência adotar home office	78. Maior tempo com a família
19. Filhos em casa e trabalho	39. Menor perda de tempo pela falta de socialização no trabalho	59. Home office, trabalho remoto e trabalho presencial	79. Menor tempo para a família em casa
20. Falta de privacidade	40. Quebra do vínculo "social" com colegas	60. Reforma e obras (própria e de vizinhos)	80. Organização/ Rotina vinculada ao funcionamento da escola/aulas

Fonte: Elaborado pelo autor

Após esta codificação, buscou-se uma relação entre os termos para uma melhor compreensão dos discursos e de seus significados. Com a intenção de agrupar em um menor número, algumas categorizações foram experimentadas. Assim, voltando-se aos dados transcritos e aos vídeos dos informantes, uma nova composição foi realizada, resultando na seguinte categorização (Quadro 4):

Quadro 4 - Categorização

1. Comunicação (pessoal e profissional), horário de trabalho, sentir-se em casa.	2. Negociação e conjugação: família e trabalho profissional no mesmo ambiente (doméstico).	3. Compromissos, desorganização, horários indefinidos e rotina confusa.	4. Computadores, celulares, <i>tablets</i> , aplicativos, sistemas e internet.
--	--	---	--

5. Escola, ensino, aulas on-line, assistência aos filhos.	6. Local ou horários específicos: reuniões, concentração, isolamento e privacidade.	7. Horário e local de almoço. Preparação e compras de alimentos.	8. Móveis e imóveis: adaptação, reforma e mudança.
---	---	--	--

Fonte: Elaborado pelo autor

Contudo, para responder às questões da pesquisa, se avaliou que uma divisão seguindo duas dimensões possibilitaria um entendimento com maior clareza e completude. Esta estrutura bidimensional foi percebida na construção das narrativas pelos entrevistados. Neste sentido, se tornaria mais fluido compreender algo que mantivesse uma estruturação utilizada de forma natural pelos próprios falantes.

Assim, para analisar os resultados da pesquisa, as práticas relacionadas ao trabalho em *home office* foram apresentadas em duas dimensões:

- a) em relação à percepção do tempo;
- b) em relação à percepção do espaço.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

A delimitação do espaço e do tempo no cotidiano profissional e doméstico foi se transformando. Este contraste de estarmos mais em casa, mas também mais tempo no trabalho, evidencia um paradoxo presente em muitos que adotaram o *home office*. Será que estamos em casa ou no trabalho neste momento? O que estamos fazendo? Quais coisas estamos requisitando, adaptando ou comprando? Quais significados têm determinadas situações na rotina? Como ocorre esta experimentação de sentimentos? Assim, trabalhar em *home office* pode ser visto como um bloco constituído de vários elementos interconectados (RECKWITZ, 2002).

Neste contexto, o trabalho até então exercido em um local separado e identificado (McCRACKEN, 1989), veio para dentro dos lares de muitas famílias. De fato, esta mudança acabou por trazer, ou ampliar, uma confusão dos limites entre o que determinamos por "trabalho" e por "rotina doméstica". Como entender a prática de trabalhar a partir de casa e a sua influência nas rotinas e nos comportamentos nos ambientes domésticos? Assim, buscou-se focar nesta mudança ocasionada pela Pandemia, colocando uma lente fundamentada na "teoria das práticas" (SHOVE, PANTZAR, WATSON, 2012; MAGAUDDA, 2011), observando empiricamente os elementos constitutivos do atual *home office*.

Para delimitar a prática do *home office*, considera-se o trabalhar em casa como um "conjunto ou complexo de práticas interligadas" (RECKWITZ, 2002), com o objetivo de realizar a atividade profissional, que anteriormente desenvolvia-se fora do ambiente doméstico. Assim, buscou-se compreender esta coordenação e sincronização de fazeres, de coisas e de significados (SHOVE; BLUE; CARMONA, 2014).

Pode ser observada nas informações coletadas nas entrevistas, realizadas com as pessoas que adotaram o *home office*, uma confusão entre os limites físicos, ou espaciais, dos ambientes considerados de trabalho e o doméstico. Outrossim, o fator temporal chama a atenção por ocasionar cada vez mais uma homogeneidade entre "trabalho" e "vida privada" (sentido amplo). Assim, foi necessário conhecer todo o contexto em que a prática estava inserida, não somente compreender como se fazia algo (WARDE, 2005). Esta análise do *home office* também teve o objetivo de ampliar a aplicação da "teoria da prática", utilizando analogamente os estudos que propõem um "circuito de práticas" formulado por Magaudda (2011):

"Um circuito de práticas é um modelo explicativo que nos ajuda a visualizar e compreender empiricamente as mudanças e as transformações de práticas sociais do ponto de vista da experiência das pessoas que participam dessas práticas".

No desenvolvimento da pesquisa, os entrevistados narraram a rotina e as adaptações relacionadas ao *home office*, evidenciando o agrupamento dos elementos constitutivos da prática em torno de duas dimensões. Uma relaciona os fazeres, os objetos e os significados ao fator "tempo", a outra relaciona esses ao fator "espaço", no desenvolvimento das novas relações com o *home office*.

Com isso, buscou-se compreender estes elementos performativos articulados por Shove, Pantzar e Watson (2012) dentro de um "circuito de práticas" (MAGAUDDA, 2011) envolvidas para trabalhar a partir de um lugar que é investido de significados e valores (CASTILHOS; DOLBEC; VERESIU, 2016). Para propiciar um melhor entendimento do trabalho em *home office* a partir da pandemia, o estudo analisou as relações de práticas sob estas duas dimensões: (a) percepção do tempo e (b) percepção do espaço.

4.1 Percepção do tempo.

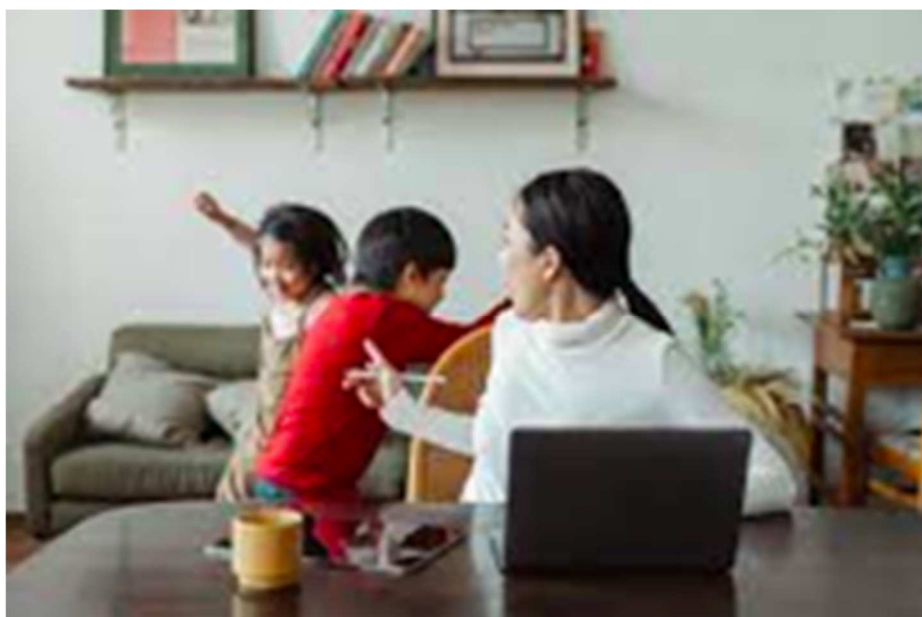
A questão da falta de delimitações temporais, ou esta (con) fusão de horários definidos, antes bem demarcados e percebidos de forma clara na rotina e no desempenho do trabalho, ficou evidente na fala dos entrevistados. Poderia ser um tanto estranho falar que trabalhar a partir de casa gerou menos tempo para se estar no ambiente doméstico(?). Aquele sentimento de "modo casa" que se tinha antes da pandemia, quando nos programávamos para deixar algumas questões do lado de fora (McCRACKEN, 1989).

A introdução de novos elementos gerados pelo *home office* acabou refletindo e interagindo com outros preexistentes, impactando nos agentes humanos e não humanos em determinado contexto. "*De uma hora para outra todos tiveram que ficar em casa, com escolas fechadas e trabalho remoto*", constata Hélio na entrevista. As formas de conexão entre os significados, os objetos e as ações (SHOVE; PANTZAR; WATSON, 2012) ocasionadas pelo *home office* foram percebidas em diversas situações. Conforme Hélio, "*o trabalho foi sendo feito em horários quebrados, quando conseguia. Para dar conta, fazia a maior parte no turno da noite, quando ficava*

liberado da rotina". Neste aspecto, pode-se notar uma sobreposição ou uma mistura de tempo para o trabalho e de tempo para as demais coisas, ou para a "rotina da casa". Assim, observou-se que para desempenhar o trabalho, pequenos períodos possibilitaram fazê-lo de modo "*picotado*" (Gabriel) durante o dia, desenvolvendo-se o restante à noite. Assim, uma abordagem alicerçada na teoria da prática permitiu entender todo este processo de mudança e de transformação articulado pelos diversos elementos integrados (MAGAUDDA, 2011).

No início da pandemia, com todas as restrições impostas, o sentimento foi de adaptar-se para algo que não demoraria para passar e que tudo poderia voltar logo ao normal. Contudo, as adaptações na rotina e nos fazeres foram ganhando uma progressiva estabilidade, ou seja, o que era provisório ou esporádico, acabou tornando-se definitivo e constante. Compatibilizar o desempenho da atividade profissional com as tensões da rotina do ambiente doméstico (VALTONEN; NÄRVÄNEN, 2015) tornou-se um desafio. Isso porque o ato de trabalhar a partir de casa não poderia ser encarado como uma prática dispersa ou única, mas sim uma ordenação de práticas (SCHATZKI, 1996). "*Ao ser demandado pelos filhos, já parava tudo e perdia a concentração*" (Hélio). Neste ponto, Hélio explica que começou a trabalhar em horários em que a rotina da casa "acabava", ou seja, quando todos iriam dormir. As imagens trazidas pelo entrevistado, ilustram como se sentiu com a situação (imagens 1 e 2):

Imagem 1 - A perda da concentração e do foco



Fonte: Imagem apresentada por Hélio

Imagem 2 - As demandas dos filhos



Fonte: Imagem apresentada por Hélio

Neste período inicial da pandemia, a organização do tempo para desempenhar o trabalho era determinada pela rotina doméstica, com as escolas fechadas e famílias em casa. *"Trabalhava em horários vagos, que eram principalmente quando estavam dormindo (esposa e filho). Durante o dia até tentava, mas não rendia, a produtividade era baixa (...) para atividades que exigiam concentração ou esforço intelectual (...) aí junta este stress com o cansaço acumulado (...) gera ansiedade (..) e assim vai"* (Gabriel). O confinamento acabou juntando muitos elementos que tinham hora e local determinados. Isso resultou em necessárias mudanças no cotidiano, numa coordenação de várias atividades (HALKIER, 2009) para conseguir desenvolver minimamente o trabalho. A seguir, a imagem 3 apresentada por Gabriel.

Imagem 3 - A ansiedade de não conseguir produzir



Fonte: Imagem apresentada por Gabriel

A gerência do tempo foi uma questão que preocupou as pessoas. Notou-se que o sentimento de se estar trabalhando mais, somado a necessidade de gerir as demais atividades do cotidiano, acabaram sendo recorrentes nas falas dos entrevistados. *"Em casa estou trabalhando muito mais. É um paradoxo, não tem ponto para bater, mas não se trabalha menos (...) não é cumprir horário, é trabalhar até acabar ou entregar (...) além disso tem que gerir tudo que está ao seu redor"*, exclama Norberto. Não é diferente quando Gabriel comenta que: *"apesar de trabalhar mais todo tempo, não tem hora extra, não tem ponto eletrônico e também não teve nenhuma limitação de horário (...) além de ter mais tarefas domésticas"*. A falta de marcações temporais contribuiu para dificultar a organização, ocasionando uma percepção de ausência de início e fim de determinadas ações ou atividades. A referência a interrupções constantes também estava presente nas falas. Neste sentido, a teoria da prática possibilitou compreender, não somente as condutas dos informantes na rotina de trabalho, mas também as emoções e os desejos incorporados (WARDE, 2005). Isso fica vívido na fala de Hélio:

"Então acordo... queria começar a produzir, mas hoje eu vou ter que fazer o almoço porque não tem ninguém mais que faça. Eu não vou poder comprar um almoço... eu vou ter que fazer... Vou ter que auxiliar a criança, vou ter que fazer várias coisas, eu vou ter que, de repente,

levar no banheiro... Na prática, tu estás aqui (em casa), tu vai ter que parar. Aí volta (...) alguém te chama.... de repente começa a dar um problema, começaram a mexer onde não era para mexer... Então vai trabalhando no meio da bagunça..."

Esta delimitação temporal no ambiente doméstico que recebeu o home office, evidenciou um embate entre profissional e pessoal (McCRACKEN, 1989). *"Não se está em casa neste horário, mas ao mesmo tempo se está (...) diferente de se estar em uma empresa. Eu falo para a família, combino com eles (...) olha eu estou aqui, para o trabalho, mas não estou aqui para vocês"* (Norberto). Ao mesmo tempo que é percebido uma invasão ao horário de trabalho, o contrário também ficou percebido. *"O celular fica dividido com as mensagens do WhatsApp. Chega mensagem do trabalho, depois é particular, isso ajuda a misturar tudo (...) perde-se a noção de horário, faz uma coisa e depois faz outra (...) não importa a hora (...) sempre está chegando mensagem e tu não sabe, pode ser do trabalho (...) queria poder desligar! Isso acontece porque muitos só conseguem trabalhar à noite, então ficam trocando mensagem (...) não consigo me desligar de tudo"*, relata Gabriel, num tom de desabafo, trazendo a imagem 4.

Imagem 4 - O trabalho sem horário



Fonte: Imagem apresentada por Gabriel

No mesmo sentido, Miguel tinha um celular, mas começaram a ligar a trabalho em domingos e feriados, chegando a levar o telefone até quando precisava utilizar o banheiro. *"No início não se tinha uma limitação, tinha que atender. Mesmo depois com regulamentação, ligavam igual. Até que depois de uns 3, 4 meses não atendia mais fora do horário, não dava mais. Era de enlouquecer, não sabia se estava em casa ou no trabalho (...) estava fazendo uma coisa de casa, daqui a pouco tocava o celular do trabalho"* (imagem 5). Esta confusão na rotina ficou evidenciada por uma ausência de delimitação de horários para as atividades do cotidiano. Muitos compromissos ou tarefas ficaram sobrepostos ou tiveram que ser gerenciados mutuamente. Isso demonstrou uma dinamicidade das práticas, pois os elementos são configurados e reconfigurados conforme as pessoas os realizam no cotidiano (SHOVE; PANTZAR; WATSON, 2012). Para Valtonen e Närvänen (2015), "os componentes seriam acoplados e desacoplados e à medida que cada praticante os realiza de maneira diferente, dependendo de seus sentimentos, habilidades e objetivos".

Imagem 5 - A ausência de limites temporais



Fonte: Imagem apresentada por Miguel

Como a pandemia atingiu a todos, percebeu-se um movimento de perda de um referencial ou de um marcador de certos limites temporais. Constatou-se que havia a possibilidade de a pessoa marcar horário para ser atendida remotamente, um agendamento. Contudo, Miguel disse com espanto: *"a pessoa quer agendar um horário dela, não necessariamente o horário que se pode atender, ficam descontentes"*. Notou-se também que os meios de comunicação contribuíram para

reforçar isso. Antes da pandemia, o atendimento presencial era muito comum, sendo a regra geral em muitos casos. Com o *home office*, o contato acabou sendo realizado por telefone, vídeo, ou outro sistema de interlocução à distância. Isso gerou não apenas uma facilitação ao solicitante, que precisava somente o tempo da duração da conversa, mas também resultou em uma ausência de percepção dos limites temporais, como o início e o fim do expediente.

A comunicação no trabalho *home office* demonstrou peculiaridades. Partindo de um ambiente, de regra presencial, o on-line tomou conta. *"No início era mais confuso, pois a conversa pelo WhatsApp continuava em mensagem do chat do serviço, depois tinha parte no e-mail e acabava em vídeo (...) então a coisa ficava toda espalhada, tinha receio de ter perdido algo. Se quisesse retomar a discussão também complicava, a referência estava em vários lugares"* (Miguel). Neste sentido, percebeu-se que também houve uma proliferação de grupos no WhatsApp. A discussão de determinados assuntos ocasionava a criação de mais "salas" de conversa. *"Criam grupos para discutir qualquer assunto (...) o negócio vai aumentando de forma exponencial, perde-se muito tempo só para verificar as mensagens, para ver se algo urgente ou importante"* (Miguel).

Uma certa categorização dos grupos também foi notada. *"Tenho vários grupos no 'zap', alguns tenho que utilizar linguagem mais formal, outros é mais tranquilo, posso ser mais direta e o texto mais corrido, como se fala. As vezes o pessoal não entendia, pois era muito parecido com linguagem falada, uma falha minha, me chamaram a atenção. Isto eu tive que me adaptar"* (Laura – imagem 6).

Imagem 6 - A proliferação de grupos de conversa nos aplicativos



Fonte: Imagem apresentada por Laura

Ao mesmo tempo em que se percebeu um crescente número de grupos nos aplicativos de troca de mensagens, notou-se que as conversas ficaram mais restritas ao trabalho. *"A comunicação fica mais direta pelo 'ZAP' ou áudio. No presencial tem toda uma história para dizer uma coisa"* (Laura).

Ainda, a troca social entre os colegas foi diminuindo, percebido pela mudança do ambiente presencial para o on-line, cada um com características próprias de funcionamento. Nesse sentido, também pode ser verificado a troca do tipo de espaço (CASTILHOS; DOLBEC, 2017), pois o trabalho que ocorria em um espaço comum e com característica de ser mais público, passou a ser desempenhado em um ambiente mais fechado ou segregado. *"Eu senti a questão da interação. A interação informal diminuiu. É só uma piada ou outra pelo WhatsApp. Ficou mais objetiva, mais "fria", fala-se menos e mais rápido para se liberar. No fim se ganha tempo, mas antes interagia mais (...) tomava um café e ficava falando com os colegas. Este vínculo social que se tinha foi se perdendo, muitos contatos que tinha não tenho mais"* (Gabriel). Este distanciamento observado foi comentado por Miguel: *"Ficou mais difícil falar com todos (...) quando preciso combinar com os setores uma reunião, tenho que pedir para o diretor coordenar o grupo, o horário e onde vai ser (sistema, aplicativo etc)"*.

Com o avanço da pandemia, fazer as atividades rotineiras durante o dia, auxiliando as crianças nas aulas e trabalhando sem horário definido, impactou na produtividade e na diminuição de tempo para descansar. Conforme trazido por Hélio, *"não se consegue definir um tempo para as coisas, tem muita questão externa"*. Quando começou a trabalhar em casa, se organizava para trabalhar mais à noite, pois durante o dia tinha somente períodos curtos para desenvolver alguma atividade profissional. Neste sentido, foi percebido que havia um contexto formado pela responsabilidade de cuidados com os filhos e de bem desempenhar as atividades profissionais. Ainda que parte do descanso fosse sacrificado para sustentar um nível de bem-estar de outros e de apresentar resultados no trabalho, notou-se a formação de um dilema ético, pois essas são questões que a responsabilidade é muito cobrada pela sociedade. Em trabalho realizado por Valtonen e Närvänen (2015) foram discutidas questões relacionadas a uma ética, nesse caso ligadas ao "dormir", que também envolviam uma responsabilidade de certos "papéis". Isso foi exemplificado com a negociação entre cônjuges para decidir quem iria acordar para cuidar da criança. Nesse estudo, os autores trataram da "ética do cuidado" contrapondo a "ética

do bom sono", trazendo que "este dilema resultaria em efeitos incorporados em termos de cansaço ou estado de alerta sentidos pela manhã e consequente bom ou mau humor. Por conseguinte, comentando do cansaço enfrentado neste período, Hélio escolheu a imagem 7 para retratar como se sente:

Imagem 7 - O cansaço acumulado



Fonte: Imagem apresentada por Hélio

A organização da rotina demonstrou elementos que giravam em torno do trabalho profissional, da assistência aos filhos e das tarefas domésticas. Laura relatou que começava a trabalhar pelas 9 horas da manhã, quando a casa ainda estava "quieta", pois um dos filhos tinha aula. As 11 horas "esquematizava" o almoço, que levava em torno de 15 a 20 minutos. *"Se fosse fazer feijão já deixava cozinhando desde cedo; o arroz era só colocar água"* (Laura). Comentou que fazia coisas práticas, bem simples, pois assim otimizava seu tempo. Neste ponto, para "economizar tempo" disse que não se levantava tanto para pegar café ou ir ao banheiro. Ela tinha uma hora de intervalo para o almoço, mas utilizava meia hora para ajudar o outro filho com a aula. Após todos almoçarem juntos à mesa, trabalhava "direto". Os dois filhos ficavam entre o quarto deles e a sala, assistindo televisão ou jogando em algum eletrônico. A rotina movimentada de Laura mostrou uma coordenação de atividades que tinha como objetivo preparar a refeição para alimentar a família (HALKIER, 2009) e conseguir desempenhar o trabalho profissional em casa. A limpeza dos ambientes era feita por Laura todos os dias, mas disse que começou a se cansar e decidiu que não precisava mais ser assim, pois "a casa era dela" e a arrumação ficaria conforme ela quisesse (DION; SABRI; GUILLARD, 2014).

A preocupação com a educação e a assistência aos filhos neste período refletiu no modo de desempenhar o trabalho por *home office*. Ainda que estejam concentrados no desempenho das atividades profissionais, evidencia-se que o fato de estar em casa não permitiu o mesmo sentimento de como se estivesse fora do ambiente doméstico, ainda que no horário de trabalho. *"É diferente estar no local presencial e em home office. No serviço tu sabe que estão na escola (filhos) e só vão me ligar se algo acontecer. Aqui tem que ficar ligada. Lá (presencial) tu é só uma profissional, aqui (casa) tu não deixa de ser mãe, está responsável por eles neste momento"* (Laura). Este sentimento de estar trabalhando e estar cuidando de alguém ao mesmo tempo, acabou por interferir no foco e na produtividade. Neste sentido, percebeu-se que nem mesmo ter alguém para cuidar das crianças, reproduziria o que significa estar concentrado no trabalho. *"Não adianta ter alguém cuidando, o som atravessa a porta, te desconcentra (...) não desliga da casa. Nem conseguiria pagar alguém, o custo é muito alto (...) também não gostaria de terceirizar isso"* (Hélio). Em estudo relacionado aos cuidados com os filhos, Epp e Velagaleti (2014) analisaram o contexto em que pais que tinham que trabalhar utilizavam serviços contratados, como babás ou creches. Essa pesquisa evidenciou uma adaptação de práticas para reduzir os efeitos dos sentimentos gerados e as tensões envolvidas no momento em que se terceirizava esta função.

Outrossim, na entrevista com Hélio, ficou nítida a importância da educação das crianças enquanto trabalhava, pois elegeu isso como um dos fatores principais da organização do tempo no *home office*. Emendou ressaltando a importância do funcionamento das escolas, confiando que os filhos estariam sendo bem assistidos pelos professores e pela instituição de ensino. *"Com a volta das escolas aliviou (...) o dia rende, consigo organizar melhor. Se fechar tudo, não tem o que fazer, não importa se pode pagar escola ou alguém para cuidar (...) ninguém transita"*, advertiu Hélio, lembrando do período mais crítico de isolamento social.

Pode-se notar uma priorização do tempo para a continuidade do desenvolvimento das crianças, mesmo em *home office*. A adaptação das aulas para o ambiente *on-line*, demandou dos responsáveis uma dedicação maior durante o dia. Gabriel comentou que o filho não aguentava mais ficar sentado no computador durante horas. *"Tenho que ficar com ele o tempo todo, senão se distrai e vai navegando pela internet. Acho que nenhuma criança está gostando. Vejo coleguinhas que os pais não estão juntos (...) as crianças ficam incomodando, gritando, girando na*

cadeira. A professora tenta coordenar, desliga o microfone, mas quando é para participar fica difícil (...) é cansativo", relata Gabriel, ilustrando com a imagem 8.

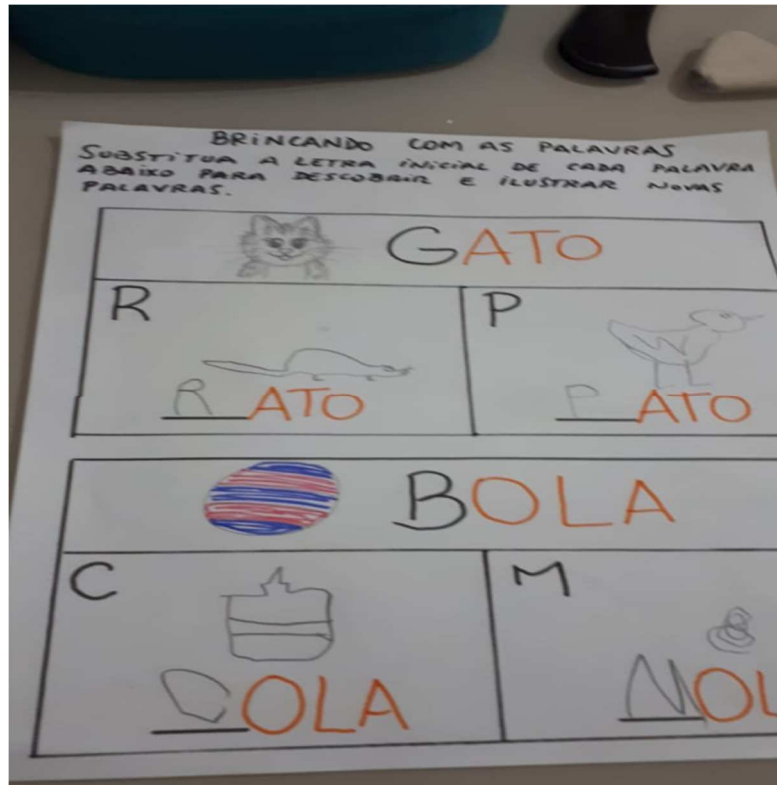
Imagem 8 - O desafio das aulas on-line das crianças (e dos pais)



Fonte: Fotografia registrada por Gabriel

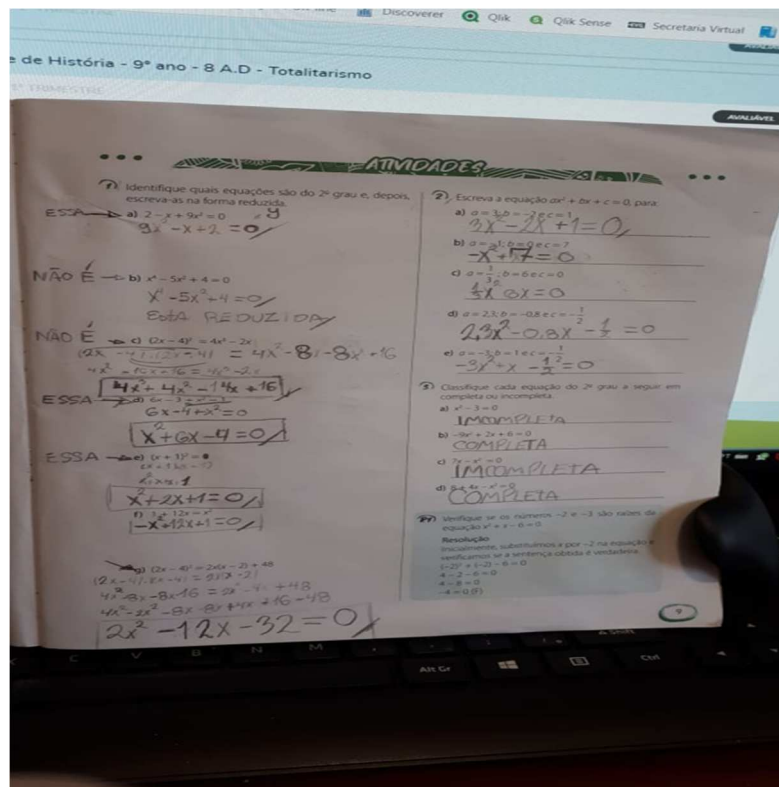
Do mesmo modo, quando a escola atribuía alguma tarefa para os pais, a realização também demandava uma organização de tempo, de materiais e de habilidades. *"As tarefas que a escola encaminhava por e-mail eu mesma desenhava a mão (...) minha impressora não estava funcionando"* (Laura). O material preparado por Laura antes da aula - os mais simples, ressalta - pode ser visualizado a seguir (imagens 9 e 10). Depois desta preparação, disse que correu para o trabalho pois tinha que se reunir com os colegas.

Imagem 9 - A preparação do material para a aula on-line do filho



Fonte Fotografia registrada por Laura

Imagem 10 - As aulas on-line da escola



Fonte Fotografia registrada por Laura

Durante as entrevistas e na leitura dos relatos, evidenciou-se que quando os filhos estavam na escola presencialmente, os pais se sentiam "liberados" de certas preocupações e responsabilidades. Laura disse que ficava tranquila, pois o filho estaria aprendendo e se alimentando direito na escola. *"Em casa sempre dou uma levantada da cadeira, para ver se está tudo certo (...) mãe o tempo todo (...) no máximo fico uns 50 minutos, 1 hora, no quarto"* (Laura). Esta preocupação com a saúde dos filhos (física e mental) pode ser verificada também por fatores situacionais que a pandemia acabou gerando. Para Miguel, ainda que não esteja sendo interrompido no home office, se desconcentra no meio do trabalho pensando no bem-estar da filha de 14 anos que está no quarto: *"é bem difícil este negócio de adolescente na pandemia (...) ficam no quarto e não querem sair, a gente leva lanche e vê se está tudo ok (...) quando se dá conta tem uma pilha de pratos e copos. Eu me preocupo com isto, agora começamos a estimular ela para sair, combinar passeios com as colegas (...) senão só fica no computador e celular"*. Nesse contexto familiar, as práticas relacionadas às questões mais íntimas do cotidiano também giram em torno de um sentimento de "ética de cuidado" (VALTONEN; NÄRVÄNEN, 2015), onde a pessoa é "impulsionada por uma responsabilidade para melhorar o bem-estar dos outros, tendo uma sensibilidade para com as consequências interpessoais das próprias ações e escolhas" (THOMPSON, 1996).

Por conseguinte, o horário do almoço fez parte da organização do tempo do home office. *"Em casa tenho que montar todo um cronograma de trabalho, considerando todas as questões da casa e da família, como o almoço, por exemplo. No serviço é só sair para o restaurante com os colegas"* (Norberto). Para não cozinhar todos os dias ou quando não tem almoço preparado, buscar ou pedir comida para entregar é uma das alternativas apontadas. *"Não cozinho sempre, as vezes pego almoço na rua. Assim já aproveito para comprar mais alguma coisa que falta para casa, no mercadinho ou na ferragem"* (Hélio). Contudo, notou-se um receio de fazer refeições na "rua" devido à aglomeração ou à contaminação pelo vírus no momento da preparação dos alimentos por terceiros (Miguel). Ainda, no entorno muitos restaurantes fecharam ou aumentaram o valor, reduzindo as opções (Vitória).

Por outro lado, para conseguir conciliar o trabalho em casa, a preparação do próprio almoço pode ser observada como uma opção. Na realização destas atividades, um sentimento de satisfação, orgulho e surpresa foi manifestado, como no

caso de Laura, que comentou que não sabia que tinha esta habilidade e que começou a cozinhar a partir do *home office*: *"nunca fui de cuidar da casa, sempre trabalhei fora e alguém fazia tudo. Agora cozinho praticamente todos os dias"*. Para implementar esta atividade dentro da rotina, Laura começou a fazer mais compras, coordenando ações e materiais para a prática (SHOVE; PANTZAR; WATSON, 2012): *"Tenho que ter todos os ingredientes (...) comprar o mínimo para poder cozinhar todos os dias, mas em maior quantidade (...) não vendem só um punhado de orégano ou uma xícara de arroz. Antes não gastava tanto com detergente, papel higiênico, café, água etc. No máximo fazia uma carne assada no domingo"*. Mostrou, com orgulho, a imagem 11.

Imagem 11 - A descoberta de habilidades culinárias



Fonte Fotografia registrada por Laura

Outro ponto observado foi em relação ao tempo dedicado ao trabalho pelo profissional em *home office*. Restou presente o significado do "horário comercial" de trabalho: *"Não me sinto tranquilo de sair de casa e ficar na rua neste horário de trabalho. Somente se for para pegar almoço ou buscar o filho, pois estaria na minha hora do intervalo (...) é meio-dia (...) o horário permite, não são 3 da tarde"* (Gabriel).

Neste sentido, as narrativas também evidenciaram um sentimento dos entrevistados de que as pessoas não perceberiam o esforço que estaria sendo empregado para trabalhar em *home office*. "O cumprimento do horário formal ou regulamentado seria cobrado, mas o 'extra' realizado durante o restante do tempo não seria visto" (Norberto). Esta questão da percepção de se estar trabalhando, ou não, foi igualmente notada nos momentos de referência à obrigação da presença física nos prédios das empresas, A simples permanência no local resultaria suficiente para significar um cumprimento da obrigação? "O local que se está em determinado horário tem um significado importante (...) esta coisa de ser dono dos próprios horários não é bem assim, tem toda uma imagem para preservar (...) própria e da instituição" (Miguel – imagem 12). Para ilustrar o que sente nesta situação, Hélio exemplificou (imagem 13): "fiquei uma semana na casa da praia, confinado. Durante o horário de expediente não saía, para não ter este risco (...) não me sentiria bem, parece que estaria sendo cobrado, por algo errado, apesar de desempenhar todo o trabalho (...) é uma questão interna".

Imagem 12 - O "dever" de estar dedicado ao trabalho em determinado horário



Fonte: Imagem apresentada por Miguel

Imagem 13 - A preocupação de sair de casa no horário de expediente formal



Fonte: Imagem apresentada por Hélio

Por outro lado, houve referência de que os intervalos de tempo que o home office poderia propiciar eram positivos, trazendo benefícios que talvez não teriam no local da empresa. *"Uma coisa boa é poder dar uma saída rápida para pegar o filho (na escola – imagem 14) e voltar. Isso seria mais difícil. Acho que teve uma certa flexibilização porque todos estão nesta situação"* (Gabriel). Neste caso, notou-se que haveria uma certa compreensão por parte das instituições, pois a entrega ou o resultado do trabalho exigido, realizado nos mais diversos horários, justificaria uma modulação de uma cobrança formal.

Imagem 14 - Os intervalos do home office



Fonte: Fotografia registrada por Gabriel

Outrossim, o tempo que estariam usando para se deslocar foi percebido como um ganho ou um "crédito", sendo utilizado para outras atividades durante este horário. *"Aquele tempo que se perde no trânsito, uso para caminhar e passear com o cachorro (que chegou no período da pandemia – imagem 15). Uma meia hora no intervalo da manhã (...) aproveito para me exercitar. Não daria se tivesse no trabalho presencial"* (Hélio). Encaixar exercícios físicos em períodos diversos do dia foi referido pelos entrevistados. Para Vitória, o acesso on-line possibilitou economia de tempo no deslocamento, sendo usado para dormir um pouco mais ou para fazer atividade física. Salientou que *"os exercícios são importantes neste período que ficamos mais tempo parado, andando menos"*.

Imagem 15 - O exercício físico e o passeio com o cachorro



Fonte: Fotografia registrada por Hélio

Um aspecto curioso surgiu em torno do tempo necessário para o deslocamento das pessoas de um lugar para outro. Percebeu-se que a comunicação pelos meios *on-line* propiciou uma facilidade na reprogramação nos horários de encontros e reuniões marcadas. *"É mais fácil mudar um compromisso, caso se atrase ou surja um imprevisto naquela hora. No encontro presencial a pessoa se deslocou ou se planejou para estar em determinado lugar. Esta flexibilização é uma coisa boa, não afeta tanto o tempo do outro"* (Vitória). Outra questão percebida como uma otimização de tempo foi a de *"ter uma pessoa em casa para receber entregas"* (Laura) ou *"atender algum serviço, como o conserto de algum eletrodoméstico ou o instalador da TV à cabo"* (Hélio). Neste sentido, ressaltaram que teriam que se organizar ou se programar para atender "pequenas coisas de casa", saindo mais cedo do serviço ou "ir e voltar".

Assim, comportamentos que eram rotineiros e habituais no cotidiano (RECKWITS, 2002) foram expostos a adaptações ou mudanças. No estudo de Magaúda (2011), sobre as transformações dos significados e dos objetos relacionados ao ato de ouvir música, demonstrou-se que a prática permaneceria

intacta, mas com uma configuração diferente dos elementos. Neste sentido, o ato de trabalhar também continuaria a existir, com o desempenho das atividades profissionais e consequente entrega de resultado. Contudo, ficou evidenciado uma reconfiguração desta prática, modificando a relação entre "coisas, significados e formas de fazer" (SHOVE; PANTZAR; WATSON, 2012).

4.2 Percepção do espaço.

Uma das consequências da pandemia foi a de que muitas pessoas mudaram de local de trabalho, saindo de prédios e instalações comerciais para dentro de seus lares. Este trabalhar a partir de casa, ou *home office*, impactou a vida cotidiana, permitindo que um ambiente mais estável ou homogêneo, recebesse elementos próprios de um espaço com mais diversidade e tensões (CASTILHOS; DOLBEC, 2017). Muitos comportamentos rotineiros foram alterados e uma reconfiguração de práticas ocorreu. O que as pessoas fazem, quais coisas ou materiais estão presentes e quais significados ou sentimentos estão envolvidos (SHOVE; PANTZAR; WATSON, 2012), puderam ser observados nas entrevistas realizadas. Assim, também buscou-se compreender as práticas interconectadas (RECKWITZ, 2002) do trabalho em *home office* sob uma perspectiva espacial.

Muitas empresas já ofereciam a opção de trabalhar de casa, cabendo ao profissional conversar com os gestores e firmar o respectivo acordo. Com isso, algumas estruturas organizacionais atendiam, até certo ponto, esta modalidade de trabalho. Conforme relata Hélio, "*o home office não foi uma novidade*", apesar de sempre ter trabalhado presencialmente no prédio da instituição. "*Teria mais meta a cumprir, mas dependendo da organização teria mais qualidade de vida, evitando deslocamentos e gastos com transporte*". Notou-se que a "organização", referida, traduziu-se em um local que "não tivesse todo o restante", evidenciando a interferência dos elementos do ambiente doméstico para realizar o trabalho:

"Como estaria lá... eu estou sentado aqui em casa... se não tivesse todo o restante que está em volta, conseguiria trabalhar plenamente... por isso que não teve queda na produtividade média... tem gente que aumentou a produtividade"...

No mesmo sentido, Norberto que trabalhava na área de tecnologia, disse que estava adaptado ao digital, mas achava que não seria fácil a realização de entrevistas por vídeo, atividade necessária para o desenvolvimento e a usabilidade de sites criados para clientes. Afirmou que uma maior aceitação do uso do vídeo para a comunicação mudou muito, *"a tecnologia que temos hoje e a adaptação das pessoas propiciou isso"* (Norberto).

Um fato evidenciado nas entrevistas foi a referência a um modelo que diziam ultrapassado ou antigo. *"A exigência de bater ponto e estar fisicamente no local, visível aos olhos, para justificar que está trabalhando está caindo"* (Gabriel – imagem 16). Na área tecnologia da informação, Norberto comentou que tinha mais liberdade e acreditava ser uma mudança de paradigma, onde seria preciso adotar outras métricas para medir o resultado. No mesmo sentido, Hélio falou *"que a sociedade não entende completamente esta forma de trabalho, pelo menos até o momento. Não estávamos adaptados (...) é um movimento de um modelo antigo. Quem trabalha assim compreende melhor"*.

Imagem 16 - Um modo de trabalho a ser compreendido



Fonte: Imagem apresentada por Gabriel

O fato de não precisar se deslocar para outro local para trabalhar evidenciou um sentimento de um ganho de qualidade de vida. *"Tenho uma doença de pele que piora com o estresse. Achei que iria piorar, mas minha pele melhorou! Acho que foi o fato de não andar mais de carro, não pegar trânsito, de levar as crianças para lá e*

para cá"... (Laura). Uma diminuição dos gastos relacionados ao transporte, principalmente com o automóvel foi percebido. Nesta conta entrou combustível, manutenção, estacionamentos e até questionamentos sobre a necessidade de possuir um veículo. "O carro ficou a maior parte do tempo parado na garagem. Era incerto, se voltaria tudo ou não. Continuei trabalhando em home office e nem me lembro a última vez que coloquei gasolina" (Gabriel). Para Gabriel, o home office implicou na desnecessidade de se movimentar até a empresa, impactando no modo de utilização de um bem, que gerava tanto gastos fixos quanto esporádicos. Nesta seara, foram observados comentários de que a economia não superaria o aumento de outras contas, atribuídas ao ambiente doméstico com home office, como energia elétrica, gás, alimentação e internet. "Economiza por um lado, mas há uma compensação por outro. Poderiam (empresas) ajudar com estes gastos de trabalho" (Hélio). O curso de uma prática afetou a trajetória de outras e, conseqüentemente aspectos da vida cotidiana (SHOVE, 2014).

A expectativa de que a situação da pandemia não demoraria para passar permeava os pensamentos. Tudo voltaria ao normal e aquele confinamento com todas as suas nuances seria esquecido. O trabalho voltaria a ser um elemento externo aos lares (McCRACKEN, 1989). No entanto, o que era para ser provisório foi ficando definitivo. Com isso, muitas coisas tiveram que ser feitas ou adaptadas para o desempenho do trabalho em home office. No início do período pandêmico e experimentando pela primeira vez o home office - e todo o mais, os entrevistados relataram que começaram a trabalhar na sala, no quarto ou em qualquer outro lugar da casa, sem ter um cômodo definido ou definitivo para tal função (DION; SABRI; GUILLARD, 2014).

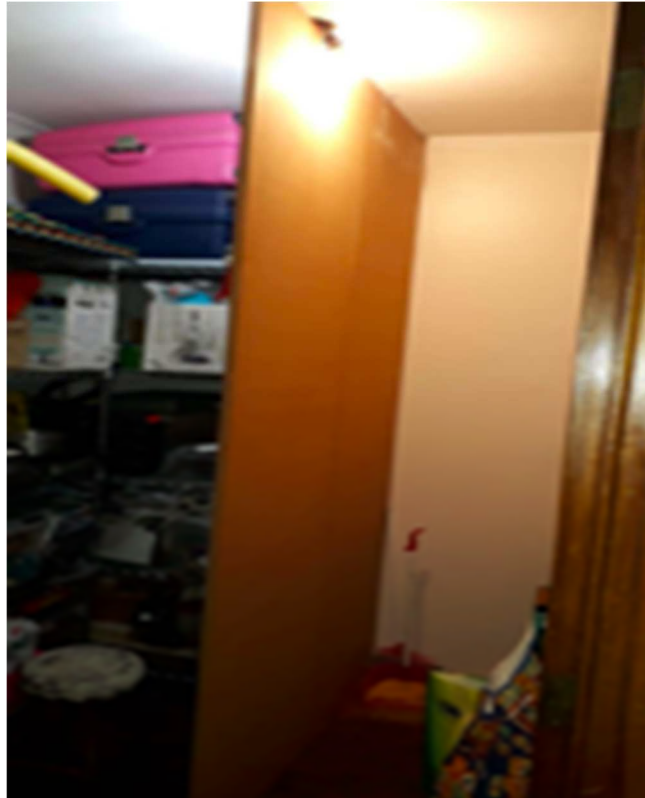
Para Hélio, o quarto pareceu um local onde poderia ficar mais isolado, mas percebeu que o barulho e a movimentação eram grandes, por estar próximo dos quartos dos filhos e por ser interrompido por quem acessava o cômodo: "*sempre passava alguém ou tinham que pegar algo*". Gabriel chegou a trabalhar na sala, ou "tentou trabalhar", como disse. Salientou que ficou impossível se concentrar: "*era uma confusão*". Norberto também se instalou na sala, com o objetivo de cumulativamente auxiliar a filha: "*mas não deu muito certo*". Para Miguel não foi diferente, montou sua estação de trabalho na ponta da mesa de jantar, no meio da sala. Apesar de não ter gostado, disse que não teve opção. Laura montou uma estação de trabalho no quarto, ressaltando: "*previa que a situação poderia se alongar no tempo*". Assim, percebeu-

se que a situação demandaria uma negociação com várias pessoas, com o objetivo de permitir o exercício deste "direito ao trabalho", como acontece ao manter um silêncio na hora que alguém está dormindo (WILLIAMS; CROSSLEY, 2008).

Com o passar dos dias, tudo indicava que este período demoraria mais do que se imaginava. Assim, algumas mudanças ou adaptações fizeram-se necessárias, resultando em uma construção de um circuito de práticas (MAGAUDDA, 2011). Vimos um movimento de melhorias dos ambientes domésticos, com investimentos em reformas e conforto, dentro de um conceito "para ficar em casa" (McCRACKEN, 1989). Isso gerou uma necessidade de implementar um ambiente de trabalho compatível com a realidade, ou seja, um *home office* que veio sem data certa para terminar, ou ainda, se terminaria.

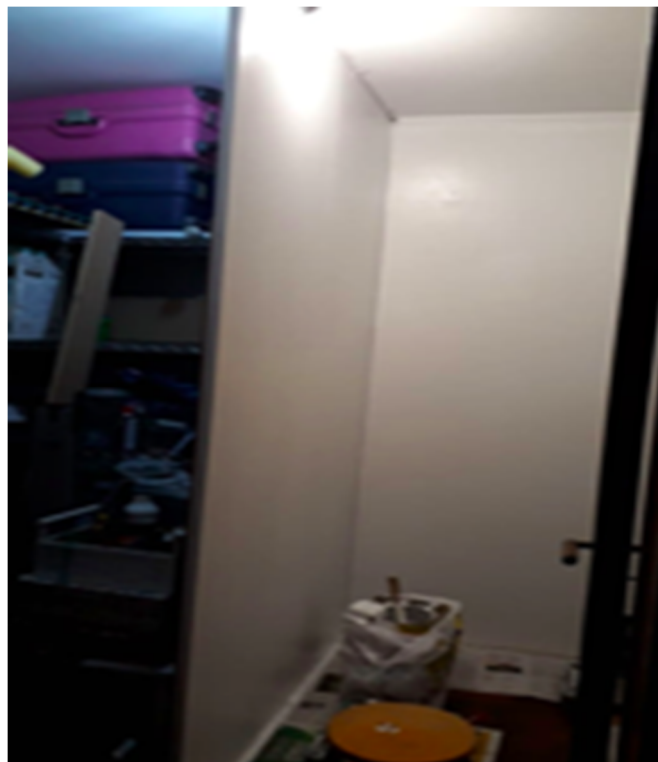
Com isso, fomos nos modificando, interna e externamente, inclusive o nosso espaço doméstico. Percebeu-se que os entrevistados começaram a fazer transformações nos ambientes domésticos para poder desempenhar o trabalho, até mesmo mudando de residência. A adaptação realizada por Hélio implicou na reformulação do quarto da "*bagunça*" (DION; SABRI; GUILLARD, 2014), um cômodo que media 2,40m por 1,20m, utilizado para guardar as coisas sem uso frequente ou os "*cacarecos*". Começou tirando alguns objetos e dividiu o ambiente ao meio, com uma parede de madeira. Tudo foi comprado e executado artesanalmente por ele mesmo (CAMPBELL, 2005), inclusive a pintura e a elétrica, no "*estilo bricolagem*", como relata. Colocou uma mesa para apoiar o notebook e fez uma instalação para a internet, pois a peça ficava isolada da casa. "*Gostei do que fiz e sinto que foi a melhor alternativa para o momento*" (Hélio). A seguir, podemos visualizar o processo da formatação de seu escritório, que não possui janela, mas que de vez em quando consegue deixar a porta aberta para a entrada de luz natural proveniente do corredor (imagens 17-20).

Imagem 17 - O quarto da "bagunça"



Fonte: Fotografia registrada por Hélio

Imagem 18 - Os elementos envolvidos na prática



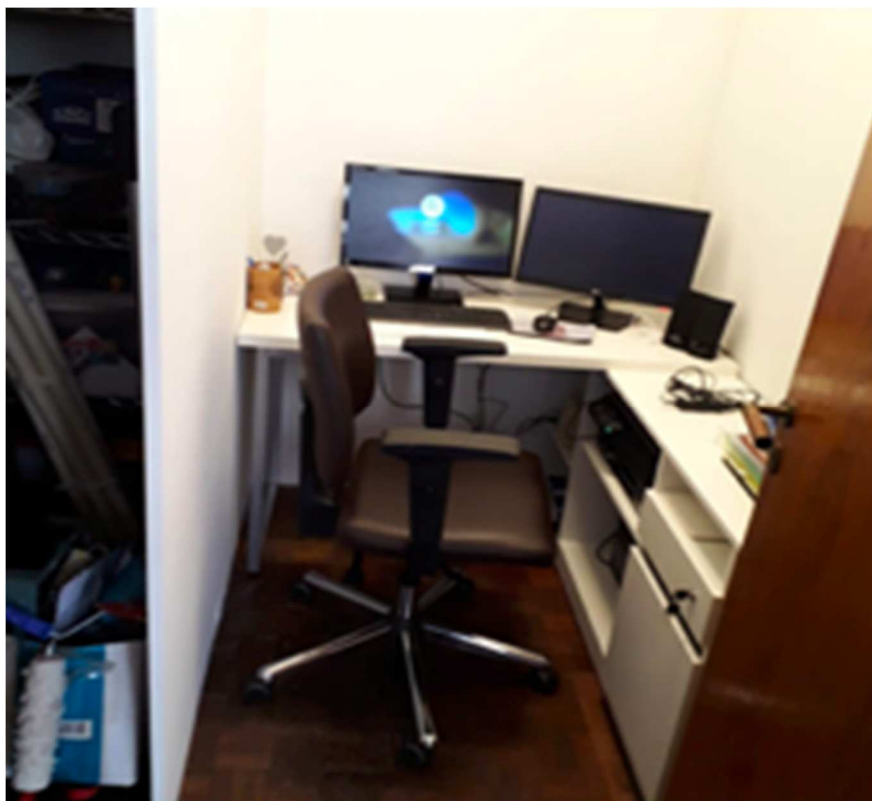
Fonte: Fotografia registrada por Hélio

Imagem 19 - As competências para reformar



Fonte: Fotografia registrada por Hélio

Imagem 20 - A formação de um local para trabalhar



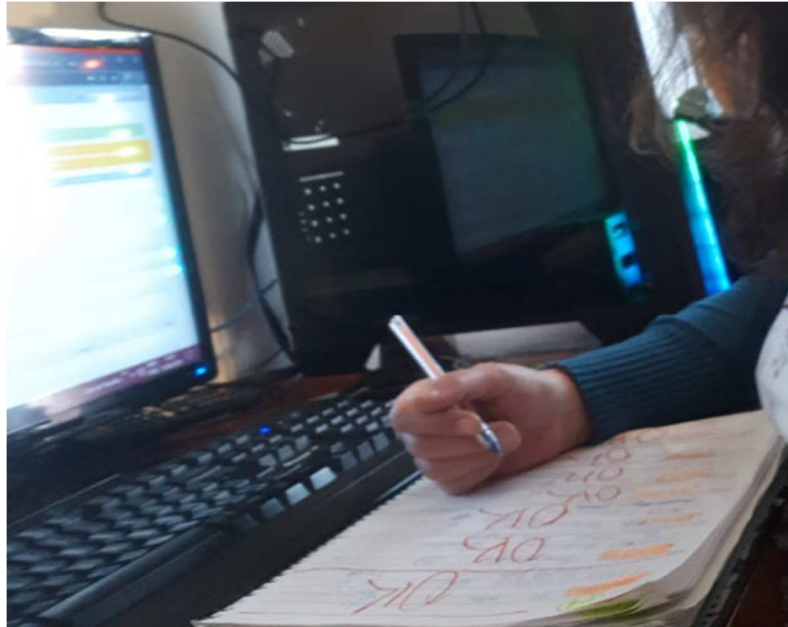
Fonte: Fotografia registrada por Hélio

Por conseguinte, um movimento que ganhou força em decorrência da pandemia foi a procura por imóveis maiores, principalmente que contemplassem um espaço para trabalhar ou ter mais privacidade. *"O local é importante, não seria possível trabalhar se morasse com a família em um JK, por exemplo. Teria que buscar um outro lugar* (Norberto). Apesar de considerar o apartamento pequeno, Norberto conseguiu montar um escritório em um dos quartos. Comprou uma mesa para apoiar as duas telas do computador e trouxe a cadeira que já utilizava na empresa. Frisou que era importante ter um ambiente com porta, pois funcionava como uma sinalização: *"se a porta estivesse fechada, indicava que não queria interagir. Necessária essa comunicação"*. Também está de mudança para um apartamento maior, com mais um quarto, para ter espaço para ele e para a esposa:

"Então essa é a ideia, ter um espaço tanto para mim quanto para ela. A gente pensou nisso durante este período, para cada um ter o seu espaço, onde possa se isolar, fechar a porta... Se quiser abrir a porta e compartilhar com outras pessoas, ok... Acho que é mais ou menos isso que se procura como casal, né... É importante estes limites, comunicar ao outro da família... respeitar este tempo, este momento de cada um"...

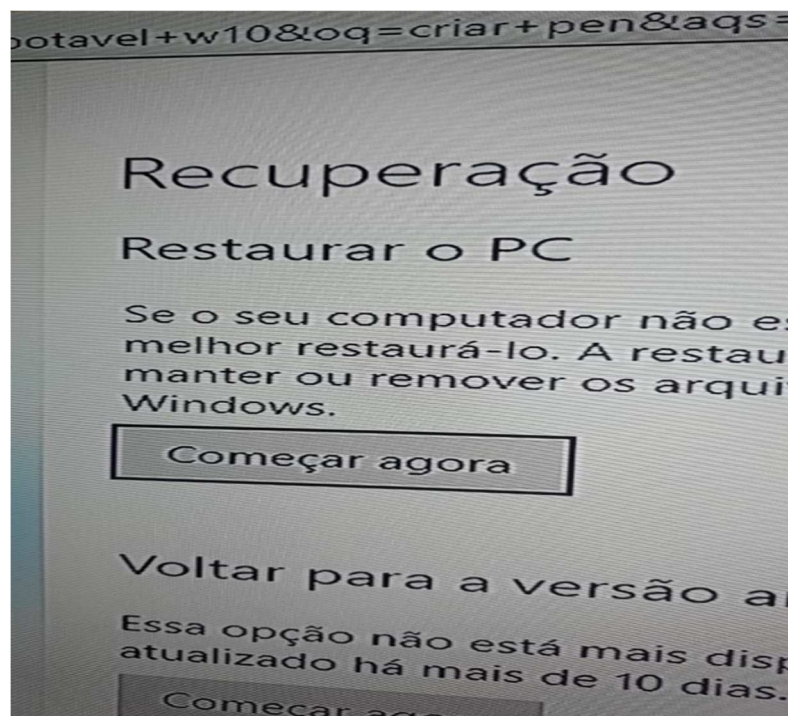
Assim, a mudança para outro imóvel entrou nos planos de muitas pessoas nesta reorganização gerada pela pandemia. *"Mudei de apartamento durante a pandemia porque o aluguel estava caro. Mas o melhor é que tenho uma amiga que mora aqui embaixo (...) ela tem dois meninos da mesma idade dos meus (...) são os melhores amigos. Assim eles têm contato com outras crianças e ficam no mesmo prédio"* (Laura). Mostrando com detalhes o ambiente que formatou para trabalhar em seu quarto, Laura ressaltou que não comprou móveis: *"a mesa 'peguei' do filho"*, que acabou recebendo uma escrivaninha antiga que era utilizada para apoiar vasos de flores na sacada. A cadeira coberta com um pano (que aproveita para se esquentar), trouxe da mesa de jantar da sala. *"Não precisei gastar, acho melhor aproveitar as coisas"*. Comentou que começou utilizando um notebook antigo do filho, pela parte da tarde, mas a máquina estragou. *"Como as aulas começaram a acontecer on-line, não teria como revezar o computador com o filho"*. Acabou trazendo o que trabalhava na organização (imagens 21 e 22).

Imagem 21 - A organização do trabalho on-line



Fonte: Fotografia registrada por Laura

Imagem 22 - Os materiais necessários para a prática



Fonte: Fotografia registrada por Laura

No entanto, os espaços adaptados para dar uma maior privacidade também tiveram que ser compartilhados. Pode ser verificado um planejamento ou uma escala de utilização durante os dias da semana, que poderia ser flexibilizada conforme

alguma demanda inesperada. *"Divido o lugar com a esposa, pois não teria como fazer um espaço para cada um. Quando um está mais isolado, o outro dedica mais atenção aos filhos"* (Hélio), apontando para uma tabela afixada na parede e observando que amanhã pela manhã teria que ficar na sala com os filhos. Emenda dizendo que: *"por isso não programei nada que exigisse concentração ou um ambiente mais controlado. Vou aproveitar para fazer as coisas da casa"*.

Nesta movimentação para criar um espaço para o *home office*, muitos cômodos ou "cantinhos" da casa foram revisitados e reformulados. *"Arrumei um quatinho, colocando algumas coisas em caixas e montando uma mesa para o monitor. Era um mini depósito"* (Gabriel). Na ocasião da entrevista, neste mesmo local (imagem 23), Gabriel explicou que a janela - indicando com a mão, ficava para um corredor do prédio e que tinha um pouco de barulho quando passava alguém. Contudo, referiu que perdia mesmo a concentração quando o filho ficava batendo na porta para entrar. *"Ele quer imprimir algo para brincar ou ver o que estou fazendo (...) curiosidade de criança"* (Gabriel).

Imagem 23 - A privacidade do local para trabalhar



Fonte: Fotografia registrada por Gabriel

A apropriação de um espaço com uma barreira física parecia ser o que se buscava na criação do local de trabalho nesta modalidade *home office*. Neste sentido, a porta teria uma função tanto para diminuir os sons do ambiente doméstico, quanto impedir a visualização - para fora e para dentro. *"Mesmo estando no escritório ficam batendo na porta. Tu não está, mas está ao mesmo tempo"* (Norberto). Em algumas situações, foi percebido que a questão "do barulho" era identificada mais como uma falta de entendimento por todos que estão em casa:

"Isto é ruim para produzir, porque perde a concentração (...) tem que ir ver (...) tem que ir ajudar. Isto poderia estar ocorrendo da mesma forma, mas se estou fora de casa, não vejo acontecer (...) sabem que estou ali, as crianças não entendem bem a situação, eles também estão sentindo estes efeitos de ficar em casa sem sair muito" (Hélio).

Por conseguinte, a questão do som ganhou proporções maiores em determinadas situações, como em reuniões on-line. *"As vezes estou em reunião, a filha e esposa falando alto na cozinha (...) começo a jogar borracha e cliques na porta para baixarem o volume. O barulho que entra para todos fica chato"* (Miguel), A situação de Miguel era mais peculiar, pois estava "instalado" na mesa da sala e ficava mais exposto ao trânsito das pessoas (imagem 24): *"a diarista vem com o aspirador (...) não importa se estou ao telefone (...) ela tem hora para sair. Parece que eu estou atrapalhando o serviço por ficar ali"*. Uma organização e um planejamento prévio para reuniões ou encontros on-line foram trazidos pelos entrevistados. Alguns recursos e "planos extras" eram utilizados para possibilitar esta parte do trabalho. *"Se tenho uma reunião importante, vou ter que me organizar muito. Como último recurso ligo a televisão, compro chocolate e pipoca. Paciência, não gosto de fazer isso, mas se for o único jeito"* (Hélio). Para Laura, quando a porta do quarto estava fechada significava que estava trabalhando, apesar de ser interrompida algumas vezes. *"Em reuniões a porta fica chaveada, eles (filhos) sabem e nem batem"* (Laura).

Imagem 24 - O trabalho no meio do movimento da casa



Fonte: Fotografia registrada por Miguel

Uma das mudanças observadas neste período da pandemia aconteceram nas reuniões a partir de casa. Muitos fatos curiosos e inusitados foram vistos on-line. Com isso, elementos antes externos passaram a integrar o cenário profissional, quebrando uma certa rigidez ou formalidade. Algumas situações, antes inadmissíveis no ambiente corporativo, acabaram por expor um pouco mais do lado pessoal de cada profissional. Na prática, uma janela para a vida íntima, que ficava guardada atrás das paredes, teria se aberto. Observou-se uma permissibilidade com certas regras e comportamentos, conjuntamente com um maior conhecimento da vida mundana. Norberto, que realizava muitas reuniões, resume:

"Acho que todos tiveram uma certa flexibilidade. Tiveram casos de pessoas da casa circulando e aparecendo nos vídeos, bichos de estimação passando ou participando no colo, alguém levando roupa para lavar (...) isto chama a atenção de todos, mas várias situações foram sendo aceitas, (...) todos estavam nesta situação. Em outros tempos seria diferente. Há uma tolerância pelo momento. Tem uma certa exposição da vida privada (...) já me perguntaram se moro num sítio, porque ouvem som de passarinho (...) é calmo aqui, moro ao lado do Jardim Botânico. Claro, tirando as obras dos vizinhos. Todos relevam e se adaptam"

Neste sentido, ainda que percebida uma preocupação em manter uma formalidade nestes "locais de reunião", notou-se que há uma compreensão se algo fugir do *script*. Uma pessoa chegar em casa e dar um "oi" na frente da tela é uma situação inusitada, que acabamos vivenciando. *"Eles (filhos) acham que por estar no computador está tudo bem (...) querem ver também (...) dão um oi para o pessoal e depois vão embora. Às vezes é ruim, são situações que demandariam mais atenção, com pessoas reunidas para decidir algo importante. Fica chato profissionalmente, parece que não está levando a sério o trabalho, mas é assim mesmo"* (Hélio).

Esta possibilidade de poder fechar a porta - e também de ter uma porta - evidenciou-se nos relatos trazidos. A barreira física, apesar de não impedir totalmente os sons dos objetos e das pessoas nos outros ambientes da casa, acabou tendo um significado de limite entre doméstico e profissional. É uma sinalização relevante, tanto para o desempenho da atividade laboral, quanto para o sentimento de foco e de dedicação ao trabalho. Neste sentido, fechar a porta também teria um efeito reconfortante, analogamente ao clique da porta da frente ouvido pelos pais ansiosos que esperavam o filho chegar em casa (WILLIAMS; CROSSLEY, 2008).

Como constatado, algumas pessoas já estavam organizadas em *home office* antes da pandemia, com escritórios formatados e funcionando dentro de casa. *Muitos colegas que já estavam organizados em home office antes da pandemia, também reclamaram (...) fatores externos mudaram"* (Hélio). No caso de Miguel, ainda que ficasse trabalhando na mesa da sala de jantar, foi observado que sentia ter invadido o espaço da esposa, que já desenvolvia as atividades profissionais há alguns anos no escritório montado no apartamento. Contudo, notando que a situação iria se estender e que as condições estavam "terríveis" no meio do movimento da casa, Miguel tentou negociar um espaço no escritório (imagem 25):

"Pensei em fazer um miniescritório dentro do escritório dela, um espacinho pequeno, já seria melhor que na sala. Mas ela não concordou. Eu falo muito ao telefone e teria muito barulho. Não fechamos acordo. Era para diminuir este movimento passando por mim, de gente que vai no banheiro, na cozinha... Também para ter um espaço fixo, com privacidade. Para ter uma ideia, meu notebook fica em cima de uma das cadeiras da mesa de jantar, com fios esticados para um monitor maior e para o teclado separado. É um provisório definitivo"...

Imagem 25 - A negociação de um espaço



Fonte: Fotografia registrada por Miguel

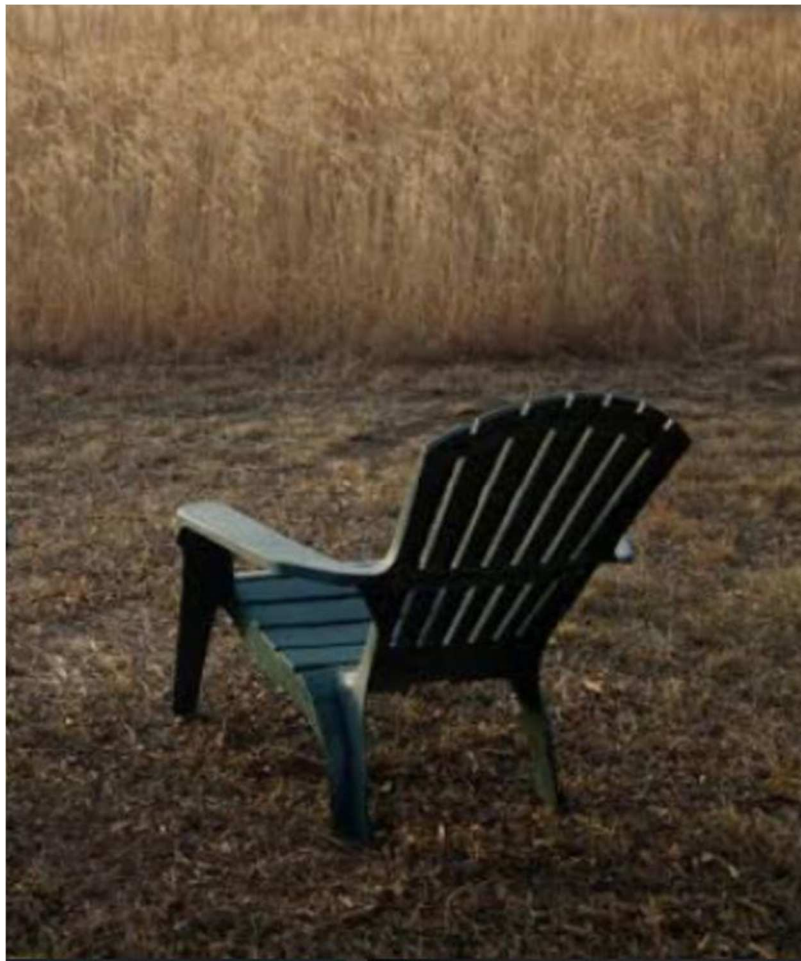
Miguel comprou uma cadeira que diz ser "razoável para ruim", bem diferente da cadeira que tinha na instituição, inclusive já teve que levar para um serviço de reforma. O Notebook novo adquiriu em várias prestações, pois utilizava o da filha. A filha estava com um emprestado pela sogra. Teve que reorganizar a disponibilização dos computadores devido as aulas on-line da escola e a necessidade de ter uma máquina em casa e outra no serviço, pois atende de um a dois dias por semana de modo presencial. Neste ponto, Miguel referiu que: *"gostaria de voltar a atender no presencial, pois acho complicado explicar algumas coisas pelo computador, toma muito tempo com questões simples e fáceis de mostrar se fosse no local físico"*.

Neste sentido, Gabriel comentou que a informática facilitou muito, mas também trouxe uma dificuldade para as pessoas com mais idade, referindo que atende público com 70, 80 e até mais anos de idade. *"Muitos nunca utilizaram o sistema, o e-mail e nem celular para isso, sempre vinham presencialmente requerer os documentos impressos"*. De acordo com Hélio, *"o pessoal gosta de ir lá, conversar pessoalmente"*, evidenciando que o contato físico ainda era muito importante para as pessoas que

estavam acostumadas com o atendimento presencial, somado a uma certa nostalgia. Para Norberto, o "*olho no olho com a equipe*" seria importante, "*pelos menos alguns dias*", ressaltando que "*o humano precisa deste contato físico*".

Outra situação observada foi a de um movimento de mudança temporária para outra residência, inclusive para outra cidade, localizada no litoral ou na serra, por exemplo. Para Vitória, o home office permitiu que trabalhasse um período na casa de praia (imagem 26): "*não tem diferença, tendo acesso à internet é indiferente o local. Posso ficar numa cadeira, num lugar que eu gosto (...)*". Para "operacionalizar" suas atividades, Vitória pegou um notebook antigo que ainda funcionava e fez uma adaptação para as chamadas de vídeo pelo celular: "*fiz uma 'gambiarra' para que o celular parasse (...) fiz um montinho de livros e coloquei ele trancado na espiral da agenda*". Contudo, comentou que já viu equipamentos sofisticados para isso, com luz e outras coisas, mas que planejava adquirir um suporte.

Imagem 26 - A flexibilidade de local



Fonte: Imagem apresentada por Vitória

O *home office* também interferiu no local da alimentação, principalmente no almoço. A "alimentação" envolveu mais do que a simples necessidade, percebendo-se pelas narrativas uma importância relacionada à prática do trabalho e à qualidade de vida das pessoas. A sensação de continuar trabalhando enquanto almoçava ficou evidenciada pelos entrevistados.

No trabalho presencial ficou latente que a saída do prédio na hora do almoço tinha efeitos significativos. Todo um conjunto de práticas poderiam estar envolvidas. Combinar o local para almoçar com os colegas, pegar o elevador, ir de um setor para em outro chamando o pessoal, falar de outros assuntos ou simplesmente sair do ambiente. Esses foram alguns aspectos percebidos nos relatos.

Todo um ambiente constituído para esta hora modificou-se completamente para muitas pessoas. Miguel lamentou (imagem 27): *"agora fico sozinho aqui em casa, somente troco de cadeira para fazer alguma refeição (...) a mesa de trabalho e a de almoço é a mesma"*.

Imagem 27 - A mistura de ambientes e práticas (garfo e *mouse*)



Fonte: Fotografia registrada por Miguel

A permanência no mesmo ambiente, ainda que doméstico, passou um sentimento de não sair do trabalho, *"de ficar com a cabeça funcionando e pensando no que estava resolvendo"* (Norberto). Gabriel sopesou a situação e disse que *"em tese, até acabaria ganhando um certo tempo, pois não precisaria sair, mas acho que este deslocamento seria necessário (...) no fim acabaria aumentando a produtividade"*. Notou-se que a hora do almoço tem uma função restauradora e que o local poderia ser determinante para o resultado. Neste sentido, Norberto que costumava ir ao restaurante almoçar com os colegas, ilustra os efeitos da troca de ambiente:

"Mesmo sempre desejando almoçar em casa para conversar com a família e ter uma alimentação mais saudável, nesta situação que estamos, não se aproveita. Se almoça correndo para voltar logo para a frente do computador, porque os horários não são tão definidos como era no presencial. Se desconecta do trabalho muito mais quando sai para almoçar na rua, fora do prédio. Dá uma sensação de pausa. É meio contraditório. Em casa se fica pensando no que estava trabalhando".

Na mesma linha, um sentimento de poder delimitar o que seria trabalho e o que seria "casa" ainda permanece. *"Seria bom sair de casa, para ter uma separação"* (Gabriel). No entanto, foi percebido que esta vontade de sair do ambiente doméstico não implicava em voltar ao local de trabalho que se tinha. A fala de Hélio trouxe este significado de se estar em um local diverso do ambiente doméstico:

"Eu acho que essa separação não é só de tempo, mas a separação física do ambiente de trabalho... fica misturando. Acho que é o efeito de estar em outro ambiente... produzindo...é bem melhor. Por mais que consiga em casa, influencia também... não renova. O fato de sair de casa...não precisa ser para o seu próprio ambiente de trabalho... mas se for para qualquer outro lugar... num escritório qualquer... Mesmo que em casa esteja sozinho, nesse escritório vai produzir mais... eu acho que tem um efeito ... Eu até pensei em alugar uma vez... estes hotéis transformados em escritórios"....

Em síntese, os dados mostraram as ligações entre os elementos da prática do trabalho em *home office*. O indivíduo, portador da prática, ao adaptar, experimentar e transformar, acaba gerando mudanças na vida cotidiana. A trajetória desta prática será determinada pelas pessoas, na medida que mais e diferentes elementos

conectem e se desconectem. Conforme Reckwitz (2002), “um indivíduo pode ser visto como um ponto de passagem único das práticas”.

Assim, diante da análise realizada e tomando como inspiração outros estudos que utilizaram uma abordagem com foco nas práticas, buscou-se estruturar um conjunto de elementos percebidos como interconectados ao trabalho em *home office* a partir da pandemia (Quadro 5).

Quadro 5 - Elementos do *home office*

competências	<p>Conhecimento técnico/específico do trabalho profissional</p> <p>Conhecimento de tecnologias digitais de: comunicação, computacional (<i>hardware e software</i>), sistemas, aplicativos etc</p> <p>Assistência aos filhos</p>	<p>Conhecimento técnico científico relacionados ao ensino de crianças e adolescentes</p> <p>Habilidades para: preparar almoço, reformar imóvel, preparar manualmente material escolar, limpar ambientes</p>	
materiais	<p>Móveis e objetos: cadeira, mesa, estante, banco, sofá, poltrona, escrivaninha, luminária, almofada, quadros, caneca, copo, apoio para os pés, apoio para celular etc</p> <p>Computadores, monitores de vídeo, aparelhos celulares, <i>tablets</i>, fones de ouvido, caixas de som, câmeras, impressoras, cabos etc</p>	<p>Materiais de escritório: papel, caneta, <i>tonner</i> para impressora, agenda, quadro etc</p> <p>Eletrodomésticos: máquina de café, forno de micro-ondas, refrigerador, fogão etc</p> <p>Materiais para reforma</p> <p>Alimentos</p> <p>Ferramentas manuais</p>	
significados	<p>Necessidade de cumprir atividades profissionais</p> <p>Cumprimento de obrigação</p>	<p>Responsabilidade social</p> <p>Dignidade humana</p> <p>Bem-estar</p>	<p>Necessidade de cumprir atividades domésticas</p> <p>Dever de cuidado</p>

Fonte: Elaborado pelo autor

5 CONCLUSÃO

Os fatos relacionados ao período da pandemia do COVID-19 evidenciam que não somos mais os mesmos. Em maior ou menor grau, os efeitos gerados pelas medidas adotadas para conter a proliferação do vírus impactaram a vida em sociedade. Uma situação desta proporção ainda não tinha sido experimentada por muitas pessoas.

Neste contexto, o estudo buscou compreender uma prática do cotidiano, que não apenas sofreu transformação, mas que também acabou interferindo em tantas outras. As pessoas são portadores de práticas, muitas passando despercebidas por não observarmos com mais atenção o nosso comportamento e a nossa rotina. A prática poderia ser entendida como a menor unidade de análise social, que um indivíduo carrega, possuindo uma riqueza de dados a serem interpretados.

O modo de trabalhar em *home office* já era conhecido, pelo menos o que se tinha antes da pandemia. Esta formatação para desenvolver as atividades remotamente tinha um certo ritmo de implementação e aceitação. Contudo, as medidas para conter a transmissão do vírus fizeram com que um grande número de pessoas passasse a trabalhar a partir de casa, nos seus próprios lares.

Com isso, a prática do trabalho, desenvolvida em locais externos, como em prédios comerciais ou profissionais, integrou-se a elementos do ambiente doméstico. Nesse aspecto, não somente agrupou-se aos já existentes, mas também encontrou outros elementos que acabaram sendo incorporados neste período. Com isso, o desafio de entender todo o contexto.

Para alcançar os objetivos, a escolha dos métodos empregados foi fundamental. Cabe ressaltar que os informantes estavam no próprio campo a ser estudado. Os (re)sentimentos e as emoções que transpareceram no momento da realização das entrevistas ganharam um realismo ímpar. A utilização de ferramentas digitais de áudio e de vídeo possibilitaram visualizar e ouvir os diversos elementos que compuseram a prática e as interconexões com outras. Ainda, verificou-se que o processo de solicitação prévia para que apresentassem imagens no momento da entrevista cumpriu com o objetivo de desenvolver a coleta de dados carregados de elementos, em que o informante guiava sua narrativa de acordo com seu ritmo e direcionamento, se autodirigindo. Poderia se dizer que seria um dos modos mais próximos para estarmos vivenciando determinada situação. Nesse sentido, as

reuniões realizadas com os informantes tiveram resultados que extrapolaram as linhas de uma entrevista.

Assim, para compreender de forma mais fluida e com os detalhes fornecidos pelos informantes, pode-se montar uma estrutura de análise seguindo os aspectos observados nas narrativas. Deste modo, para uma melhor didática para compreender a prática do trabalho em *home office* a partir da pandemia, verificou-se que ficaram evidenciadas duas dimensões, em que os elementos restaram agrupados sob uma percepção em relação ao tempo e ao espaço.

Ao “entrar” nos lares das pessoas que participaram deste estudo, observou-se que os efeitos ocasionados pela pandemia estavam em uma fase diferente, ou seja, com o passar do tempo a situação foi sofrendo mudanças. De um período inicial de medo e incertezas do que fazer, as expectativas eram de uma rápida volta ao *status quo ante*. Conforme verificou-se nos relatos, passados 4 a 6 meses, um sentimento de resignação começou a orientar os comportamentos para o enfrentamento da situação, mas ainda com dúvidas quanto a uma definição para onde se seguiria. Posteriormente, completado um ano de pandemia e com o surgimento de variações do vírus, observou-se um período em que as transformações tinham componentes que sugeririam uma certa consciência dos efeitos gerados. Ainda, notou-se uma preocupação de como minimizariam estes efeitos diante de determinadas questões que poderiam ser permanentes ou ter longa duração.

Com isso, se observou que os ambientes domésticos estavam se adaptando. Assim como um organismo vivo, os lares continham elementos humanos e não-humanos realizando interconexões. Neste sentido, se reforça que a abordagem teórica com foco nas práticas pavimentou o caminho para que os objetivos fossem alcançados.

Os dados da pesquisa evidenciaram uma confusão na percepção do tempo e do espaço por parte dos indivíduos nos ambientes domésticos. Este sentimento estava vinculado à adoção, ou à imposição, do *home office*. O contexto gerado pela pandemia também agravou a situação, com restrição à circulação e com o fechamento de locais de diversas áreas. De modo geral, as casas passaram a centralizar atividades que anteriormente ocorriam em determinados locais e horários, estranhos ao seu interior.

Os ambientes domésticos, de um dia para o outro, tiveram que comportar os profissionais que saíam para trabalhar. Contudo, a situação delineou-se desafiadora

para todos os ocupantes da casa. As detalhadas informações observadas durante a pesquisa mostraram que houve uma “reação em cadeia”. Assim, uma adaptação que poderia ser percebida como pontual, poderia acabar disparando uma sequência de mudanças que não se imaginava. Neste sentido, para conseguir analisar a prática de trabalhar a partir de casa, o foco não ficou restrito à execução da atividade laboral por cada indivíduo. O *home office*, neste contexto, seria formado por um conjunto de práticas interligadas (RECKWITZ, 2002).

De fato, os dados evidenciaram uma coordenação de ações, de materiais e de significados envolvidos nesta prática. O desempenho do trabalho nos ambientes domésticos estava inserido em um contexto, onde o indivíduo transitava, fazia diversas coisas, valia-se de objetos, envolvia sentimentos e percebia significados. A conexão e a desconexão constante destes elementos puderam ser observadas desde a parte inicial dos relatos. Isso pôde ser constatado no momento em que alguém comentava a situação que se trabalhava no meio de todo o movimento da casa, por exemplo. Assim, para praticar o trabalho no referido ambiente, observou-se que o indivíduo agia para dar assistência à educação ao filho (fazer), utilizando objetos (coisas), diante do dever de cuidado e do sentimento de atenção (significado).

Nesta situação, se fosse analisado apenas como a pessoa faz o trabalho, poderia se perder todo o contexto em que a prática estava inserida. Quando um dos informantes disse que “perdia a concentração nas tarefas e sentia-se cansado durante o dia”, poderia ser por diversas razões. Talvez se correria risco de generalizar ou partir de conceitos concebidos. Contudo, ao comentar que “realizava as tarefas durante a noite e que somente conseguia executar atividades em pequenos períodos de tempo durante o dia”, elementos importantes foram evidenciados para entender a situação. Deste modo, a análise fundamentada na teoria das práticas foi positivamente relevante para a compreensão do trabalho em *home office*.

Por conseguinte, os dados coletados evidenciaram uma quantidade de combinação entre os diversos elementos. Constatou-se que sentimentos como o de conseguir desempenhar as atividades profissionais e o de cumprir as entregas necessárias acabaram gerando efeitos na saúde física e mental dos indivíduos. As mudanças ocorridas consideraram estes aspectos na prática do trabalho. A tentativa de estabelecer uma certa separação do que seria profissional e do que seria privado, pôde ser verificado. Neste sentido, observou-se que o ambiente doméstico permaneceria tendo um significado de um espaço íntimo, com acesso restrito. Da

mesma forma, se notou referência a uma invasão externa das atividades laborais nos horários que seriam destinados à vida privada e social, como lazer ou descanso.

Pela análise realizada, constatou-se que os meios de comunicação tiveram um papel importante nas práticas envolvidas no *home office*. A utilização de dispositivos eletrônicos e de aplicativos mudou comportamentos. Os informantes expuseram sentimentos ligados à ausência de um referencial temporal, isto é, não percebiam um horário que pudessem se “desligar”, ou desconectar, do trabalho. Isso pôde ser notado nos momentos que relatavam a utilização de aplicativos de mensagem, em que ora recebiam assuntos de trabalho, ora chegavam postagens de cunho pessoal. Ainda, neste *home office*, o modo de desenvolver determinadas tarefas ou atividades profissionais, requisitou instrumentos que facilitaram a comunicação. Contudo, também implicou um sentimento de angústia e de ansiedade, por estar potencialmente acessível todo o tempo, verificando-se que alguns entrevistados não evitavam de visualizar as mensagens, independentemente do horário e de quem as enviou. Nestas comunicações, outra questão observada foi uma mudança nas interações relacionadas às atividades profissionais, resultando em diálogos mais enxutos e objetivos. Os assuntos que não tinham relação direta com o serviço foram diminuindo, apesar do aumento do número de grupos criados nos aplicativos de mensagens.

Em relação ao ensino e ao cuidado com as crianças, os dados mostraram o desafio de conjugar a prática do trabalho e a assistência aos filhos. As imagens trazidas pelos informantes apresentaram aspectos relacionados à educação e ao dever de cuidado. Com as escolas adotando aulas on-line, os responsáveis adaptaram-se a acompanhar as tarefas em horários, muitas vezes, coincidentes com as atividades laborais. Ainda, os equipamentos disponíveis para acesso tinham que ser em número suficiente para todos os indivíduos da casa, além de uma rede de conexão para internet funcional. Na organização da rotina, inclusive para realização de reuniões de trabalho, constatou-se que o planejamento partia dos compromissos e das responsabilidades ligadas aos filhos. Foi percebida uma negociação entre as pessoas, definindo-se quem iria se ocupar das demandas dos menores e quem ficaria liberado para atividades do trabalho profissional que exigiria concentração e privacidade em determinado horário.

Nos espaços domésticos foram observadas mudanças com a finalidade de melhorar a prática do trabalho em *home office*. Apesar da desnecessidade de deslocamento para outra estrutura física, as residências não ofereciam iguais

condições de trabalho. Percebeu-se que, não somente os indivíduos, mas também as moradias, não estavam preparadas para o *home office*. Nesse aspecto, constatou-se um movimento para adaptar os locais, em que os próprios moradores fizeram arrumações ou reformas com a utilização de materiais que já tinham, ou que adquiriram para esta finalidade. Pelas fotografias e pelos relatos dos informantes foram apresentados processos de mudanças do tipo “faça você mesmo”. Assim, observou-se que a prática do trabalho estava conectada com outras práticas, ou seja, formavam um conjunto de práticas. Para exercer o trabalho, adquiriram ou reaproveitaram móveis, criaram barreiras físicas, reformaram peças da casa, modificaram o lugar de objetos e, até mesmo, acabaram mudando para outro imóvel neste período.

Por conseguinte, foi percebido que elementos do ambiente doméstico avançaram sobre os limites do trabalho e o contrário também ocorreu. A ausência de clareza dos limites temporais e dos limites espaciais pela adoção do *home office* neste período pandêmico, foi ressaltada pelos informantes e verificada nos dados apresentados. A existência de marcos temporais revelou organizar a rotina, embora percebida como algo de difícil implementação. Quanto aos limites espaciais entre o que era considerado como local de trabalho e o que era ambiente doméstico, pelos informantes, constatou-se que a existência de uma barreira física propiciava um sentimento de isolamento. Percebeu-se que “fechar uma porta” poderia significar transportar-se para outro local. De fato, trabalhar em *home office* abarcou uma conexão de elementos. Estes elementos puderam ser evidenciados com a análise desta prática dentro de um contexto. Assim, os indivíduos expuseram os significados e os sentimentos envolvidos, as coisas e os materiais que requisitaram e, ainda, como fizeram ou agiram em determinadas situações. As práticas podem alterar comportamentos e modificar rotinas, constituindo-se em um processo dinâmico de transformação.

Este estudo pode contribuir para melhorar aspectos relacionados ao trabalho profissional desempenhado nos ambientes domésticos. A análise desta prática dentro de todo um contexto, buscou uma compreensão sistêmica e detalhada. Uma eventual tomada de decisão pode se valer dos dados coletados na pesquisa, tanto no cenário macro, quanto micro. Desde a elaboração de políticas públicas relacionadas à saúde do trabalhador, até a organização de uma agenda pessoal ou a formatação do ambiente doméstico, por exemplo. Ainda, verifica-se contribuições para as áreas de:

ensino, história, saúde, antropologia, arquitetura, design, marketing, consumo, entre outras.

Do ponto de vista acadêmico, o estudo contribui para reforçar a relevância da adoção de uma abordagem com foco nas práticas. Outrossim, pretendeu-se demonstrar o potencial alcance desta aplicação teórica, fomentando a sua utilização em outras pesquisas que buscam um olhar mais aprofundado sobre determinado fenômeno. Ainda, a coleta de dados e a análise demonstraram os benefícios de combinar métodos, com o emprego de entrevistas qualitativas e a utilização de imagens, vídeos e áudio. O estudo também evidenciou que cada entrevista extrapolou a coleta de dados pertinentes a cada pessoa, capturando outros elementos que gravitam em torno da prática, humanos e não humanos. Neste sentido, a referência ao método de caso estendido, que busca ampliar a observação do indivíduo ao posicionar a vida cotidiana em um contexto maior.

Contudo, algumas limitações foram reconhecidas neste estudo. Se por um lado, a escolha dos referidos métodos de coleta de dados resultou em uma valiosa fonte de informação, de outro, a análise dependeu da interpretação (de uma interpretação) e da subjetividade do pesquisador. Adicionalmente, a gama de entrevistados não permitiu estabelecer uma generalização (e nem se tinha esta pretensão), tendo em conta que o contexto no qual um indivíduo está inserido sofre variações de acordo com o local.

Por fim, com o intuito de ampliar a pesquisa ou partir de alguma questão observada, sugere-se: a) estender a coleta de dados para outros locais, buscando comparar os resultados em diferentes culturas; b) analisar os hábitos de consumo com a adoção do *home office* e c) realizar uma nova coleta de dados após determinado período de tempo, buscando identificar mudanças de práticas.

REFERÊNCIAS

- ASKEGAARD, S.; LINNET, J. T. Towards an epistemology of consumer culture theory: Phenomenology and the context of context. **Marketing Theory**, v. 11, p. 381–404, 2011.
- ARAUJO, L.; KJELLBERG, H.; SPENCER, R. Market practices and forms: introduction to the special issue. **Marketing Theory**, v. 8, p. 5–14, 2008.
- ARNOULD, E. J.; THOMPSON, C. J. Consumer culture theory (CCT): Twenty years of research. **Journal of Consumer Research**, v. 31, p. 868–882, 2005.
- ARNOULD, E. J.; THOMPSON, C. J. Introduction: Consumer Culture Theory: Ten Years Gone (and Beyond). **Consumer Culture Theory**. p. 1-21, Published online: 18 Nov 2015.
- ARSEL, Z.; THOMPSON, C. J. Demythologizing Consumption Practices: How Consumers Protect Their Field-Dependent Identity Investments from Devaluing Marketplace Myths. **Journal of Consumer Research**, v. 37, p. 791–806, 2011.
- BARDHI, F.; ECKHARDT, G. M.; ARNOULD, E. J. Liquid Relationship to Possessions. **Journal of Consumer Research**, v. 39, p. 510–529, 2012.
- BEILIN, R. Photo-elicitation and the agricultural landscape: ‘seeing’ and ‘telling’ about farming, community and place. **Visual Studies**, v. 20, p. 56-68, 2005.
- BELK, R. Post-pandemic consumption: portal to a new world? **Cad. EBAPE.BR**. v. 18 (3), p. 639-647, 2020.
- BLUE, S.; SHOVE, E.; CARMONA, C.; KELLY, M. Theories of practice and public health: understanding (un)healthy practices. **Critical Public Health**, v. 26, p. 36-50, 2014.
- BURAWOY, M. The Extended Case Method. **Sociological Theory**. v. 16, 1998.
- CAMPBELL, C. The Craft Consumer. Culture craft and consumption in a postmodern society. **Journal of Consumer Culture**, v. 5, p. 23-42, 2005.
- CAMPBELL, C.; INMAN, J.; KIRMANI, A.; PRICE, L. In Times of Troubles: A Framework for Understanding Consumers Responses to Threats. **Journal of Consumer Research**, v. 47 (3), p. 311–326, 2020.
- CANNIFORD, R.; SHANKAR, A. Purifying Practices: How Consumers Assemble Romantic Experiences of Nature. **Journal of Consumer Research**, v. 39, p. 1051–1069, 2013.
- CASTILHOS, R. B. **Produzindo lugar, reproduzindo espaço**: uma análise das dinâmicas de mercado no campo da moradia. Tese (Doutorado em Administração).

Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

CASTILHOS, R. B.; DOLBEC, P. Y. Conceptualizing spatial types: Characteristics, transitions, and research avenues. **Marketing Theory**, September, p. 1–17, 2017.

CASTILHOS, R. B.; DOLBEC, P. Y.; VERESIU, E. Introducing a Spatial Perspective to Analyze Market Dynamics. **Marketing Theory**, September, p. 1–21, 2016.

COSKUNER-BALLI, G.; ERTIMUR, B. Navigating the Institutional Logics of Markets: Implications for Strategic Brand Management. **Journal of Marketing**, p. 1-22, 2015.

COSKUNER-BALLI, G.; THOMPSON, C. J. The Status Costs of Subordinate Cultural Capital: At-Home Fathers Collective Pursuit of Cultural Legitimacy through Capitalizing Consumption Practices. **Journal of Consumer Research**, v. 40, p. 19–41, 2013.

COUPLAND, J. C. Invisible Brands: An Ethnography of Households and the Brands in Their Kitchen Pantries. **Journal of Consumer Research**, v. 32, p. 511- 528, June, 2005.

CROCKETT, D.; WALLENDORF, M. The Role of Normative Political Ideology in Consumer Behavior. **Journal of Consumer Research**, v. 31, p. 511–528, 2004.

DAVISON, J. Visualising accounting: an interdisciplinary review and synthesis. **Accounting and Business Research**, January, p. 1-45, 2015.

DION, D. The contribution made by visual anthropology to the study of consumption behavior. **Recherche et Applications en Marketing**, v. 22, p. 61-78, 2007.

DION, D.; ARNOULD, E. Retail Luxury Strategy: Assembling Charisma through Art. **Journal of Retailing**, v. 87, p. 502–520, 2011.

DION, D.; SABRI, O.; GUILLARD, V. Home Sweet Messy Home: Managing Symbolic Pollution. **Journal of Consumer Research**, v. 41, p. 565-589, 2014.

BRADFORD, T. W.; SHERRY, J. F. Domesticating Public Space through Ritual: Tailgating as Vestaval. **Journal of Consumer Research**, v. 42, p. 130-151, 2015.

_____. Dwelling dynamics in consumption encampments: Tailgating as emplaced brand community. **Marketing Theory**, September, p. 1–15, 2017.

FELDMAN, M. S.; ORLIKOWSKI, J. W. Theorizing Practice and Practicing Theory Organization Science. **Articles in Advance**, p. 1–14, 2011.

FISCHER, E.; CASTILHOS, R. B.; FONSECA, M. J. Entrevista Qualitativa na Pesquisa de Marketing e do Consumidor: Abordagens Paradigmáticas e Orientações. **ReMark - Revista Brasileira de Marketing**, v. 13, n. 4, 2014.

- HALKIER, B.; KATZ-GERRO, TALLY; MARTENS, L. Applying practice theory to the study of consumption: Theoretical and methodological considerations. **Journal of Consumer Culture**, v. 11, p. 3-13, 2011.
- HEISLEY, D. D.; LEVY, S. J. Autodriving: a photoelicitation technique. **Journal of Consumer Research**, v. 15, p. 257–272, 1991.
- HOLMES, T.; LORD, C.; ELISWORTH-KREBS, K. Locking-down instituted practices: Understanding sustainability in the context of “domestic” consumption in the remaking. **Journal of Consumer Culture**, out. 2021.
- HOLT, D. B. How consumers consume: a typology of consumption practices. **Journal of consumer research**, v. 22, p. 1–16, 1995.
- HUMPHREYS, A. Semiotic Structure and the Legitimation of Consumption Practices: The Case of Casino Gambling. **Journal of Consumer Research**, v. 37, p. 490– 510, 2010.
- KARABABA, E.; GER, G. Early Modern Ottoman Coffeehouse Culture and the Formation of the Consumer Subject. **The Journal of Consumer Research**, v. 37, p. 737–760, 2011.
- KJELLBERG, H.; HELGESSON, C. F. On the nature of markets and their practices. **Marketing Theory**, v. 7, p. 137–162, 2007.
- KOZINETS, R. V. Utopian Enterprise: Articulating the Meanings of Star Trek’s Culture of Consumption. **Journal of Consumer Research**, v. 28, p. 67–88, 2001.
- _____. Can Consumers Escape the Market? Emancipatory Illuminations from Burning Man. **Journal of Consumer Research**, v. 29, p. 20–38, 2003.
- MAGAUIDA, P. When materiality 'bites back': Digital music consumption practices in the age of dematerialization. **Journal of Consumer Culture**, 11, p. 15-36, 2011.
- MARTIN, D. M.; SCHOUTEN, J. W. Consumption-Driven Market Emergence. **Journal of Consumer Research**, v. 40, n. 5, p. 855–870, 2013.
- MAURI, C.; MAIRA, E.; TURCI, L. An empirical study of consumer behavior related to private labels and national brand promotions. **The International Review of Retail, Distribution and Consumer Research**, v. 25, p. 333-361, 2005.
- MCCRACKEN, G. Culture Account the and of Consumption: A the Structure of and Meaning Theoretical Movement Goods of Cultural Consumer. **Journal of Consumer Research**, v. 13, p. 71–84, 1986.
- _____. Homeyness. **Interpretive Consumer Research**, p. 168–183, 1989.
- PEÑALOZA, L. Just doing it: A visual ethnographic study of spectacular consumption behavior at Nike Town. **Consumption, Markets and Culture**, v. 2, p. 337–400, 1998.

- PINK, S.; MACKLEY, K. L. Saturated and situated: expanding the meaning of media in the routines of everyday life. **Media, Culture & Society**, v. 35, p. 677–691, 2013.
- RANIA, N.; MIGLIORINI, L.; REBORA, S.; CARDINALI, P. Photovoice and Interpretation of Pictures in a Group Discussion: A Community Psychology Approach. **Qualitative Research in Psychology**, v. 12, p. 382-396, 2015.
- RECKWITZ, A. Toward a Theory of Social Practices: a development in culturalist theorizing. **European Journal of Social Theory**, v. 5, p. 243-263, 2002.
- ROSENBAUM, M. S. The symbolic servicescape: Your kind is welcomed here. **Journal of Consumer Behaviour**, v. 4, p. 257 – 267, 2005.
- SCHOUTEN, J. W.; MCALEXANDER, J. H. Subcultures of Consumption: An Ethnography of the New Bikers. **Journal of Consumer Research**, v. 22, p. 43– 61, 1995.
- SHAW, E. A guide to the qualitative research process: evidence from a small firm study. **Qualitative Market Research: An International Journal**, v. 2, p. 59–70, 1999.
- SHOVE, E. Converging Conventions of Comfort, Cleanliness and Convenience. **Journal of Consumer Policy**, v. 26, p. 395-418, 2003.
- SHOVE, E.; PANTZAR, M.; WATSON, M. **The Dynamics of Social Practice: Everyday Life and How It Changes**. London: SAGE, 2012.
- SHOVE, E.; WALKER, G. What Is Energy For? Social Practice and Energy Demand. **Theory Culture & Society**, p. 1-18, 2014.
- THOMPSON, C. J.; COSKUNER-BALLI, G. Countervailing Market Responses to Corporate Co-optation and the Ideological Recruitment of Consumption Communities. **Journal of Consumer Research**, v. 34, p. 135–152, 2007.
- ÜSTÜNER, T.; HOLT, D. B. Toward a Theory of Status Consumption in Less Industrialized Countries. **Journal of Consumer Research**, v. 37, p. 37-56, 2010.
- ÜSTÜNER, T.; THOMPSON, C. J. How Marketplace Performances Produce Interdependent Status Games and Contested Forms of Symbolic Capital. **Journal of Consumer Research**, v. 38, p. 796–815, 2012.
- VALTONEN, A.; NÄRVÄNEN, E. The everyday intimacy of sleeping: an embodied analysis of intimate practices. **Consumption Markets & Culture**, 2015.
- WILLIAMS, S. J.; CROSSLEY, N. Introduction: Sleeping Bodies. **Body and Society**, v. 14, p. 1-13, 2008.